

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº XXIX – AGOSTO/2026



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
07	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
08	<u>ARTIGO 1:</u> MATINTA-PEREIRA: A FEITICEIRA DA NOITE
11	<u>ARTIGO 2:</u> QUEM CRIOU A RAÇA HUMANA?
21	<u>ARTIGO 3:</u> O DRAGÃO CHINÊS
30	<u>ARTIGO 4:</u> FREYA X HATOR: AMOR, SENSUALIDADE E AUTOESTIMA
34	<u>ARTIGO 5:</u> REINO MÍTICO: TEMAS DA MITOLOGIA PARA ESTUDOS
40	BIBLIOTECA DE THOTH;
43	VITROLA DE ORFEU;
52	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
53	ARQUIVOS DE LOKI;
59	A NONA ÁRVORE;
70	ACADEMIA DE QUÍRON;
92	PANTEÃO DE COLABORADORES;
99	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Na 29ª edição da Revista Mitologia Aberta, vamos, mais uma vez, homenagear a mitologia por meio dos olhares amorosos e comprometidos de nossos colaboradores.

O artista da capa trouxe uma divindade feminina nacional, conectada à ancestralidade brasileira e a um forte senso de dever: Matinta-Pereira. Entre inúmeros personagens possíveis, este jovem artista decidiu nos presentear com um dos grandes mitos nacionais, tão valorizados aqui na revista, mas que, infelizmente, ainda foram pouco abordados.

Temos artigos incríveis para vocês, que conduzirão a jornadas de conhecimento entre o mundo mítico e o mundo real, capazes de fazer qualquer leitor viajar por meio das palavras.

Nesta edição, veremos mitos que dialogam com concepções antigas e modernas; uma mitologia que perma-

nece viva em nosso dia a dia; e estudos de mitologia comparada, que nos ajudam a compreender melhor as semelhanças entre culturas tão diversas. Essa variedade de abordagens enriquece o olhar sobre os mitos e nos permite contemplar um mesmo tema sob múltiplas perspectivas.

Acompanhem nossos artigos, sempre recheados de conhecimento! Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa sobre a surpreendente mitologia coreana. A Vitrola de Orfeu apresenta, como sempre, bandas magníficas. Nos Arquivos de Loki, uma resenha muito especial espera por sua leitura. A Nona Árvore nos traz mais um galho da mitologia nacional em histórias em quadrinhos. Nas Histórias da Vó Tiana, mais uma narrativa impressionante será compartilhada. Por fim, na Academia de Quíron, eventos incríveis aguardam por vocês!



Larissa Dias

Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

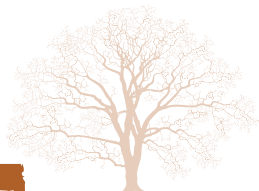
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



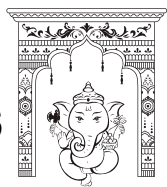
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

“

Henrique Pedro é estudante de design, ilustrador e quadrinista. Autor da publicação “A Última Caçada” uma HQ que explora elementos da mitologia brasileira, com elementos de suspense, ação e terror e de “O Segredo na Garrafa”, uma publicação de HQ realizada por meio do edital da Lei Aldir Blanc, no ano de 2025.

Apaixonado pela arte, desenho e por contar de histórias, Henrique explora com seus traços únicos e cores intensas as nuances da mitologia nacional em sua arte original e envolvente.

”

HENRIQUE ACEITOU O DESAFIO DE CONECTAR O LEITOR COM A MITOLOGIA NACIONAL ATRAVÉS DE SUA ARTE ÚNICA, RETRATANDO UMA DIVINDADE NACIONAL, A TEMIDA MATINTA PEREIRA, REPLETA DE PODER E DE MAGIA!



Henrique Pedro

Instagram: @henriqueloopespedro

Email: hp.pedro75@gmail.com

Tel: (11) 98711-5244



"Matinta Pereira",
Arte que ilustra a capa desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



Nesta edição, temos novos colaboradores com escritas bem diversas e diferentes das que costumamos publicar. Estamos muito felizes por essa oportunidade, uma vez que a revista preza pela diversidade e pelas diferentes visões, o que permite uma pluralidade nas abordagens dos mitos.

No primeiro artigo, a bruxa Juliana faz uma homenagem muito envolvente com sua Antiga Magia para nossa querida Matinta-Pereira, acompanhando a capa, que está grande estilo! O artigo conta com uma pequena participação minha, trazendo a visão do mito contida na obra de Câmara Cascudo.

No segundo artigo, Ilson nos convida a pensar sobre as verdadeiras origens do homem, trazendo uma análise comparativa entre mitologia, religião e a teoria dos antigos astronautas, nesta visão única, atendendo às solicitações e satisfazendo a curiosidade de diversos leitores!

No terceiro artigo, o mestre em Kung Fu e criador do Instituto Long Fei de Artes Marciais, Alexandre, apresenta o simbolismo do dragão e do leão

para conhecermos a sua importância cultural nas práticas de dança e nas relações com as artes marciais chinesas.

O quarto artigo traz Andreia falando de um tema sobre a mitologia comparada dos povos nórdicos e dos povos do Antigo Egito, comparando duas deusas incríveis: Freya e Hathor, nas quais o amor, a sensualidade e a autoestima falam sempre mais alto!

No quinto artigo, eu apresento diversos temas mitológicos, aqueles que são capazes de transformar nossas vidas, numa tentativa de recriar estímulos para novos pesquisadores estudarem mitologia e adentrarem no Reino Mítico.

Apreciem a revista, feita sempre com todo o amor que se pode ter pela mitologia, essa ciência que não nos deixa de surpreender.

Boa leitura!

Larissa Dias

MATINTA PEREIRA:

A FEITICEIRA DA NOITE

POR JULIANA SIMÕES E LARISSA DIAS

Matinta Pereira é uma grande bruxa e feiticeira, capaz de se transformar em diferentes seres por meio de seu poder de metamorfose. Ora assume a forma de uma coruja rasga-mortalha, com seu grito assustador; ora surge como um grande urubu. Também é capaz de imitar a voz de pessoas familiares, entre outros mistérios.

Conforme Cascudo (2002), seus nomes variam de *Mati-Taperê* a *Matim-Taperê*. O mesmo autor, citando José Veríssimo, indica que seu mito se confundiu, ao longo do tempo, com os do Saci, Curupira e Caapora, sendo este considerado um *tapuinho* sempre acompanhado de uma horrível velha, que canta, na toada de um passarinho, uma canção antiga. Também era conhecido como um velho feiticeiro tocador de flauta.

O nome Matinta-Pereira traz o termo

“mati”: *“um ente misterioso, nem ave, nem quadrúpede, nem serpente, mas tendo de todos estes alguma coisa; este ente mora nas ruínas, junto com onças, corujas e cobras [...]”*. (CASCUDO, 2002, p. 323).

Sua origem vem da Amazônia e, segundo Cascudo (2002), especificamente do Pará, sendo cercada por mistérios, medo e respeito. Sua forma mais conhecida é a de uma mulher muito velha, com vestes desgastadas, carregando consigo a sabedoria dos tempos antigos.

Segundo Cascudo (2002, p. 322), *“inicialmente a Matinta era apenas um anúncio de desgraças ou, para os indígenas, uma breve visita da alma de seus mortos. Passou, posteriormente, a pertencer aos direitos de certos pajés e feiticeiros que se podiam transformar em Matinta e, pela madrugada, retornar à forma anterior [...]”*.

Suas aparições noturnas vêm para lembrar aquilo que foi ignorado durante o dia. Ela não surge como uma punição, mas como uma forma de despertar a consciência. Ensina que toda promessa deve ser cumprida, pois, nos momentos de desespero, muitas vezes prometemos aquilo que depois esquecemos de honrar. É nesse momento que o assovio da Matinta se torna perturbador.

Conforme Cascudo (2002), a fuga de mulheres de suas casas para se esconderem na floresta lhes trouxe o apelido de "tapereiras". Elas se aproveitam desse nome para espalhar o medo. Segundo o autor, em alguns locais essas mulheres tinham rapazes de 10 a 14 anos que lhes serviam como serventes. Nas noites sem luar, um deles gritava, nas estradas de ferro, o grito atordoante da Matinta-Pereira e, assim, todos corriam e fechavam suas casas. Uma dessas mulheres vinha e sentava-se à porta da casa dos moradores locais em busca de tabaco, e quando alguém corajoso vinha lhe oferecer, ela ia embora. No dia seguinte, caso Matinta-Pereira não tivesse estado com eles, deveriam fazer uma oferta à caridade em agradecimento.

O fato de a maior parte dos mitos ter sido registrada do ponto de vista eurocêntrico, ou seja, do ponto de vista de nossos colonizadores, faz com que os espíritos das matas — como Matinta-Pereira — percam suas qualidades mais importantes e caminhem apenas sobre os significados assustadores e infantis, sem estarem vinculados ao seu significado mais precioso: o simbólico.

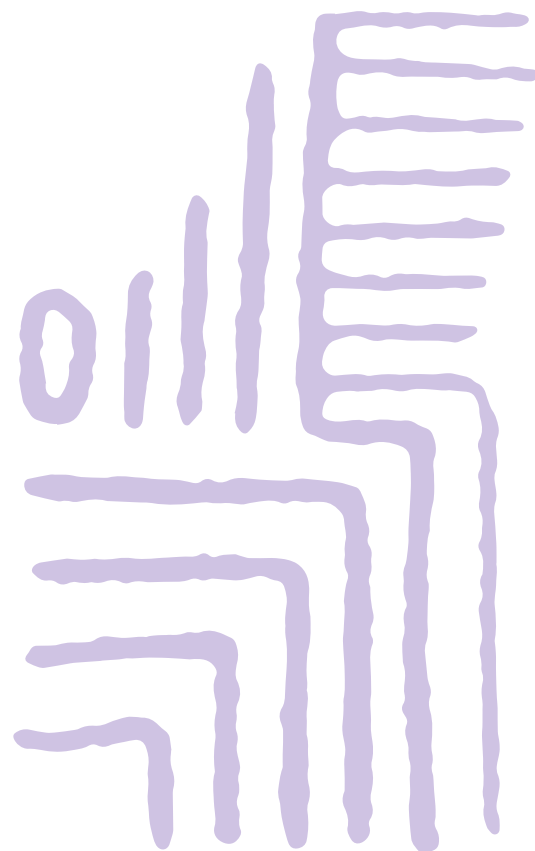
Ela é uma grande guardiã dos mistérios antigos e uma profunda equilibradora da consciência humana. É a mãe que revela a verdade e a avó que ensina por meio da justiça, lembrando que toda promessa cria um vínculo e que todo chamado retorna como um eco.

Estar à mercê desse significado quer dizer honrar valores como lealdade e compromisso, tão necessários a uma sociedade que participa da liquidez de ações imediatas, as quais conduzem apenas a um caminho no qual nossas raízes são esquecidas. Valorizar essa mitologia não é importante apenas para os povos do Norte do Brasil, mas para todos aqueles que sentem a necessidade de recuperar partes perdidas de sua ancestralidade nativa.

Matinta Pereira nos ensina, por meio da consciência, sobre aquilo que prometemos e esquecemos de honrar. Ela nos convida ao reconhecimento de nossas escolhas e ao exercício da responsabilidade sobre nossos próprios atos. Você, está pronto para aceitar este convite?

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, L. C. Geografia dos Mitos Brasileiros. 3ª edição. São Paulo: Global, 2002.



QUEM CRIOU A RAÇA HUMANA?

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MITOLOGIA, RELIGIÃO E A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

POR ILSON WILMAR RODRIGUES FILHO

Resumo

O presente artigo analisa diferentes narrativas sobre a origem da humanidade a partir de perspectivas mitológicas, religiosas e especulativas associadas à teoria dos antigos astronautas. O estudo examina paralelos entre os relatos do Gênesis e tradições mesopotâmicas, egípcias, gregas, maias e iorubás, evidenciando elementos recorrentes relacionados à criação do homem por entidades divinas. Discute-se, ainda, a hipótese pseudocientífica segundo a qual civilizações extraterrestres teriam interferido no desenvolvimento humano por meio de engenharia genética,

conforme interpretações contemporâneas dos mitos sumérios dos Anunnaki. O artigo também problematiza os limites entre interpretação literal e leitura crítica dos textos sagrados, ressaltando a importância de abordagens históricas, arqueológicas e comparativas no estudo das tradições religiosas.

Palavras-chave:

Mitologia comparada; Narrativas de criação; Antigos astronautas; Anunnaki; Engenharia genética.

1. Introdução

Ao longo da história, diferentes sociedades desenvolveram narrativas destinadas a explicar a criação do mundo, da vida e do próprio ser humano. Essas narrativas, transmitidas oralmente durante séculos e posteriormente registradas em textos considerados sagrados, desempenharam papel fundamental na organização religiosa e cultural das civilizações.

Entre os documentos mais conhecidos, encontram-se os relatos bíblicos do livro do Gênesis. Entretanto, estudos de mitologia comparada e história das religiões demonstram que muitos elementos presentes em Gênesis 1-11 possuem paralelos em textos mesopotâmicos anteriores. Conforme observa Vaz (2007), os relatos bíblicos compartilham temas, estruturas narrativas e referências geográficas com antigas tradições da Mesopotâmia, incluindo menções aos rios Tigre e Eufrates, às cidades de Uruk, Akad e Babilônia, além de narrativas de dilúvio semelhantes às encontradas em epopeias sumérias e acadianas.

Entre esse grande acervo de textos extrabíblicos mesopotâmicos recen-

temente descobertos estão os chamados mitos de origem. E os estreitos pontos de contacto entre eles e as narrações de Gênesis 1-11 são inumeráveis. É para o mundo mesopotâmico que apontam inequivocamente os materiais que as integram: mencionam os rios Tigre e Eufrates, a Assíria, Babilônia, Uruk, Akad, Nínive, contam a história do dilúvio paralela às mesopotâmicas, etc. Os paralelos literários e temáticos são tantos que podemos avançar esta conclusão: as narrações bíblicas foram influenciadas por eles, sem ser importante precisar se essa influência foi direta e a partir de escritos ou só indireta. (VAZ, 2007, págs. 46-47).

Nesse contexto, o presente artigo propõe uma análise comparativa entre diferentes mitos de criação, buscando identificar padrões narrativos recorrentes relacionados à origem da humanidade. Além disso, discute-se a hipótese especulativa conhecida como teoria dos antigos astronautas, segundo a qual determinadas figuras divinas descritas em textos antigos poderiam representar civilizações extraterrestres tecnologicamente avançadas.

Embora essa teoria seja amplamente rejeitada pela comunidade científica

e classificada como pseudociência, ela permanece influente na cultura popular contemporânea, especialmente por reinterpretar mitos tradicionais sob uma perspectiva tecnológica. O objetivo deste estudo não é validar tais hipóteses, mas examinar como elas reinterpretam antigas narrativas religiosas e mitológicas.

2. Narrativas mitológicas sobre a criação da humanidade

2.1 A criação no Gênesis bíblico

Na tradição judaico-cristã, a criação da humanidade é descrita no livro do Gênesis como resultado direto da ação divina. O texto relata que os deuses (Elohim) criaram o universo em etapas sucessivas e, ao final da criação, formam o homem “à sua imagem e semelhança”. Adão é moldado do pó da terra e recebe o fôlego da vida; posteriormente, Eva é criada a partir de uma costela de Adão.

Do ponto de vista filológico, alguns estudiosos observam que o termo hebraico Elohim, frequentemente traduzido como “Deus”, apresenta forma plural. Apesar disso, a interpretação tradicional judaico-cristã compreende o termo dentro de um

contexto monoteísta. Ainda assim, a pluralidade linguística do termo tem sido objeto de debates teológicos e históricos.

O Jardim do Éden é apresentado como um espaço ideal de harmonia e abundância, no qual o casal primordial recebe a responsabilidade de cuidar da criação. Diversos pesquisadores apontam possíveis influências mesopotâmicas nesse relato, especialmente em função das referências geográficas e dos paralelos narrativos encontrados em textos mais antigos.

2.2 A criação na mitologia egípcia

Na mitologia do Egito Antigo, a criação da humanidade varia conforme as tradições religiosas regionais. Em geral, o universo emerge das águas primordiais do Nun, de onde surge a divindade criadora responsável pela organização do cosmos.

Em algumas versões, os seres humanos nascem das lágrimas do deus solar Rá. Em outras, o deus Khnum molda os homens em barro utilizando uma roda de oleiro. A humanidade possui a função de manter a ordem cósmica por meio da justiça, da religião e do respeito às divindades.

2.3 A criação na mitologia grega

Na tradição grega, a criação humana está associada principalmente ao titã Prometeu. Segundo o mito, Prometeu molda os homens a partir da argila e da água, conferindo-lhes características semelhantes às dos deuses.

A narrativa grega apresenta uma concepção dinâmica da humanidade, organizada em diferentes eras ou idades. O mito de Prometeu destaca ainda a relação entre conhecimento, técnica e civilização, especialmente por meio do roubo do fogo divino em benefício da humanidade.

2.4 A criação no Popol Vuh

O Popol Vuh, livro sagrado dos maias quichés, descreve a criação humana como um processo gradual de tentativa e aperfeiçoamento. Inicialmente, os deuses criam homens de barro, que fracassam por serem frágeis e sem entendimento. Em seguida, produzem homens de madeira, capazes de falar, mas desprovidos de alma e consciência.

Somente na terceira tentativa surge a humanidade definitiva, criada a partir do milho, alimento central da cultura maia. Conforme Santos (2020), o milho assume não apenas valor alimentar, mas também dimen-

são cosmológica e identitária.

“Buscando a criação de seres que os invocassem e alimentassem, os deuses resolveram conceber um ser humano de terra e barro. Mas a obra não saiu como planejada, pois esse ser humano de terra ficou encharcado, aguado e mole. [...] Esse ser humano falava, mas suas palavras não tinham sentido e os deuses resolveram desfazê-lo [...] O casal de adivinhos, Ixpiyacoc e Ixmucané, lança e consulta os grãos de milho e de tzité e a resposta é: buscar boa madeira para entalhar os novos homens. Esses homens e mulheres de madeira povoaram a Terra e se multiplicaram, mas não tinham coração, alma nem entendimento, não se recordavam dos criadores, iam e vinham sem rumo, arrastando-se sobre mãos e joelhos e, por isso, foram também aniquilados, destruídos e desfeitos com um grande dilúvio de resina ardente. [...].

Para fabricar essa nova gente e completar a criação com seres que iriam prover o sustento dos deuses, os seres prodigiosos, A-que-Concebe, O-que-Gera, O Criador, O Formador, Tepeu (Majestade) e Gucumatz (Serpente Emplumada) reuniram-se em conselho antes da aurora para buscar o que deveria compor a carne e sangue dos humanos. Optaram pelo milho.

Convocaram, em seguida, os animais para procurar o milho e foram Yac (Raposa Cinzenta), Utiú (Coiote), Quel (Periquito) e Hohn (Corvo) que encontraram e recolheram espigas de milho amarelo e espigas de milho branco na Montanha do Sustento,[...] As espigas foram moídas nove vezes por Ixmucané, a avó dos gêmeos que derrotaram os senhores do Xibalbá, e, junto com água descoberta também pelos animais, formaram a massa que comporia a carne dos seres humanos. Assim surgiram quatro novos homens e primeiros pais dos quichés e dos outros povos maias. {SANTOS, 2020, págs.116 – 119).

2.5 A criação na tradição iorubá

Na tradição iorubá, a criação do homem está associada à atuação do orixá Obatalá, responsável por moldar os seres humanos a partir do barro. Após a modelagem, Olodumarê concede vida às criaturas por meio do sopro vital.

Assim como em outras tradições, observa-se a presença de elementos recorrentes, especialmente a criação humana a partir da terra ou da argila e a concessão da vida por uma entidade divina.

3. Elementos comuns nas narrativas de criação

A análise comparativa dos diferentes mitos evidencia padrões recorrentes em diversas culturas. Entre os elementos mais frequentes destacam-se:

- a criação do homem a partir da terra, barro ou argila;
- a intervenção direta de entidades divinas;
- a associação entre criação e sopro vital;
- a existência de um espaço primordial idealizado;
- a ideia de que a humanidade possui uma função específica dentro da ordem cósmica.

Essas recorrências podem ser interpretadas sob diferentes perspectivas. Para alguns autores, elas indicam influências culturais entre civilizações antigas; para outros, refletem estruturas simbólicas universais relacionadas à experiência humana.

A presença de temas semelhantes em tradições geograficamente distintas também constitui um dos principais elementos explorados pela teoria dos antigos astronautas.

4. A teoria dos antigos astronautas e os Anunnaki

A teoria dos antigos astronautas sustenta que determinadas divindades descritas em mitologias antigas seriam, na realidade, visitantes extraterrestres tecnologicamente avançados. Segundo essa hipótese, fenômenos interpretados como sobrenaturais pelas civilizações antigas corresponderiam a tecnologias incompreensíveis para sociedades pré-científicas.

Uma das versões mais conhecidas dessa interpretação foi popularizada por Zecharia Sitchin (1978), autor que reinterpreto textos sumérios para defender a existência dos Anunnaki, seres provenientes de um planeta denominado Nibiru.

De acordo com Sitchin, os Anunnaki teriam vindo à Terra em busca de ouro e, diante da necessidade de mão de obra, teriam criado geneticamente os seres humanos a partir da manipulação de hominídeos primitivos. Nessa narrativa, o *Homo erectus* teria servido como base biológica para experimentos conduzidos pelos supostos visitantes extraterrestres.

Embora amplamente criticadas por

arqueólogos, historiadores e linguistas, essas interpretações permanecem populares em produções culturais contemporâneas. A principal crítica acadêmica refere-se à ausência de evidências científicas capazes de comprovar tanto a existência de Nibiru quanto a presença extraterrestre na Antiguidade.

Ainda assim, a teoria dos antigos astronautas oferece uma releitura tecnológica de antigos mitos de criação. Nessa perspectiva, expressões como “à imagem e semelhança” deixariam de representar apenas metáforas religiosas e passariam a ser interpretadas como referências simbólicas a intervenções biológicas ou genéticas.

5 O Éden como espaço simbólico e geográfico

A expressão Edin, posteriormente associada ao termo Éden, refere-se, em algumas interpretações das tradições mesopotâmicas, a uma região situada ao sul da Mesopotâmia e relacionada aos primeiros assentamentos atribuídos aos chamados Anunnaki. Segundo determinadas leituras históricas e mitológicas, os autores bíblicos teriam reelaborado antigas narrativas mesopotâmicas ao

construir o relato do Jardim do Éden presente no livro do Gênesis.

Do ponto de vista etimológico, o termo sumério E.din tem sido interpretado por alguns autores como “Morada dos Legítimos” ou “Morada dos Justos”. Essa interpretação se relaciona à expressão Din.Gir, composta pelos elementos din (“justo” ou “legítimo”) e gir (associado à ideia de divindade ou poder divino), utilizada nos textos cuneiformes como determinativo precedendo os nomes dos deuses. Nesse contexto, o uso de Din.Gir não apenas identificaria entidades divinas, mas também conferiria legitimidade sagrada ao espaço denominado Edin. Outras interpretações etimológicas, contudo, associam o termo simplesmente aos significados de “planície” ou “estepe”.

A origem do vocábulo hebraico “Éden” é frequentemente relacionada ao acadiano Edinu, derivado do sumério E.din. Em todas essas tradições linguísticas, o termo mantém associação semântica com regiões planas ou estepes. Já a tradução grega da Bíblia Septuaginta emprega a palavra παράδεισος (“paraíso”) para traduzir o hebraico gan (“jardim”), contribuindo para a consolidação da

expressão “Jardim do Éden” na tradição ocidental (RACIOCÍNIO CRISTÃO, 2014).

“A origem do termo “Éden” em hebraico deriva da palavra acade Edinu, que também deriva do sumério E.din. Em todas estas línguas a palavra significa Planície ou Estepe.

A Septuaginta traduz do hebraico (Gan) “Jardim” para palavra grega (πα·ρά·δει·σος) ou “Paraíso”. Devido a isso, quando traduzido do grego para o português, temos a associação da palavra “Paraíso” com o “Jardim do Éden”, ou “Jardim do Paraíso”. (RACIOCÍNIO CRISTÃO, 2014)”.

No âmbito das interpretações vinculadas à teoria dos antigos astronautas, o Éden é descrito como um espaço de desenvolvimento agrícola e experimentação biológica. Segundo essa perspectiva, teria sido nessa região que espécies como trigo, centeio, linho e árvores frutíferas teriam sido domesticadas para a alimentação de humanos e deuses. Sitchin (1978) afirma que os estudos sobre a origem da vinha indicam que seu cultivo inicial ocorreu nas regiões montanhosas ao redor da Mesopotâmia setentrional, da Síria e da Palestina. Com base nessa interpretação, o autor caracteriza o Éden

como uma espécie de “laboratório genético botânico”, responsável pelo desenvolvimento e domesticação de plantas cultiváveis.

A hipótese da criação da humanidade por engenharia genética, defendida por interpretações contemporâneas dos mitos sumérios, procura estabelecer uma conciliação entre evolucionismo e criacionismo. Nesse modelo especulativo, a evolução biológica teria ocorrido naturalmente na Terra até o surgimento de hominídeos avançados, como o *Homo erectus*. Posteriormente, uma civilização extraterrestre denominada Anunnaki teria realizado intervenções genéticas sobre esses hominídeos, dando origem ao ser humano moderno.

Segundo essa narrativa, os Anunnaki, provenientes do planeta Nibiru, teriam chegado à Terra em busca de ouro e outros recursos minerais. Diante da necessidade de mão de obra, teriam recorrido à engenharia genética para criar trabalhadores destinados à mineração, à agricultura e a outras atividades produtivas. O ser humano, denominado em algumas interpretações sumérias como Adam (“terrestre”), seria resultado da combinação entre material genético

extraterrestre e hominídeos primitivos existentes na África.

Sitchin (1978) atribui essas experiências às figuras mitológicas de Enki e Ninhursag — também chamada Ninti (“Senhora da Vida”) — responsáveis pelos procedimentos de manipulação biológica. Nessa releitura, a expressão bíblica “à imagem e semelhança” deixaria de representar apenas uma metáfora espiritual e passaria a ser interpretada como referência simbólica a uma modificação genética deliberada.

Essa hipótese procura reinterpretar os relatos tradicionais da criação não como manifestações sobrenaturais, mas como possíveis registros mitológicos de interações entre sociedades humanas primitivas e uma civilização tecnologicamente avançada. Fenômenos descritos como milagres, descidas dos deuses dos céus e ensinamentos civilizatórios seriam compreendidos, nessa perspectiva, como manifestações tecnológicas incompreensíveis para os povos antigos.

A tentativa de aproximar fé, mito e ciência conduz, inevitavelmente, ao debate entre interpretação literal e leitura crítica das Escrituras. Em muitas tradições religiosas, os textos

sagrados são concebidos como relatos históricos absolutos e inquestionáveis. Essa postura tende a rejeitar interpretações históricas, arqueológicas e científicas que contrariem a narrativa tradicional, favorecendo abordagens dogmáticas que limitam o diálogo com outras formas de conhecimento.

Por outro lado, abordagens acadêmicas defendem que os textos religiosos devem ser analisados dentro de seus contextos históricos, culturais e literários. Sob essa perspectiva, os mitos não são compreendidos necessariamente como descrições fatuais, mas como construções simbólicas destinadas a responder às grandes questões da existência humana.

Diversos autores sustentam que determinadas passagens bíblicas exigem interpretação crítica, especialmente quando confrontadas com o conhecimento científico contemporâneo e com análises filológicas e históricas mais amplas.

Nesse contexto, alguns estudiosos argumentam que a formulação de determinados dogmas religiosos ocorreu em meio a disputas teológicas e políticas ao longo da história. Con-

ceitos frequentemente apresentados como “mistérios divinos” teriam sido utilizados, em certas circunstâncias, como mecanismos de preservação institucional e de contenção de questionamentos doutrinários. Gardner (2011), por exemplo, observa que revisões em crenças tradicionais podem ser percebidas como ameaças à própria estrutura simbólica e ética do cristianismo.

Por fim, embora a teoria dos antigos astronautas exerça forte fascínio cultural e imaginativo, ela permanece classificada como pseudociência devido à ausência de evidências empíricas conclusivas. A principal crítica metodológica dirigida a essa hipótese, refere-se ao uso seletivo de evidências arqueológicas e textuais, frequentemente reinterpretadas para confirmar pressupostos previamente estabelecidos. Assim, ainda que tais teorias ofereçam releituras criativas dos mitos antigos, elas não encontram respaldo no consenso científico contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- GARDNER, Laurence. A Origem de Deus. São Paulo, Madras, 2011.
- RACIOCÍNIO CRISTÃO (editor). ÉDEN – Significado e resumo histórico bíblico. 22 de maio de 2014.
<https://www.raciociniocristao.com.br/2014/05/eden-significado/>
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Histórias e cosmologia indígenas no Popol vuh, livro maia-quiché. Revista USP. São Paulo, n. 125, p. 109-124, abril/maio/junho 2020.
- SITCHIN, Zecharia. O 12º Planeta. São Paulo, Editora Best Seller, 1978.
- VAZ, Armindo dos Santos. No princípio da Bíblia está o mito: a espiritualidade dos mitos de criação. Didaskalia, 37(1), 45–73.
<https://doi.org/10.34632/didaskalia.2007.1746>. Baixado em 10/05/2026.



O DRAGÃO CHINÊS:

IMPORTÂNCIA CULTURAL, SIMBOLOGIAS E SUA RELAÇÃO COM AS ARTES MARCIAIS CHINESAS.

POR ALEXANDRE PASTRO ALVES

1. Os Significados do Dragão Chinês

Diferentemente do significado na cultura ocidental, o dragão chinês (Long/Lung/Loong) não é um monstro terrível, mas uma criatura benevolente e sagrada, sendo o maior símbolo de identidade nacional, espiritualidade e prosperidade. Ele molda a visão de mundo da sociedade há milhares de anos.

A mitologia chinesa diz que os dragões podem ser grandes como o universo ou pequenos como um bicho-da-seda. É uma expressão que encontra eco até nos dias atuais, quando é possível vê-los em minúsculos ornamentos ou em enormes muralhas espalhadas por toda China.

Para o povo chinês, o dragão, é detentor de todas as qualidades que

almejamos: sabedoria, coragem, nobreza, força e beleza. Esse animal mítico é considerado um ancestral comum, uma entidade do próprio caráter do povo chinês.

O dragão chinês é um ser híbrido, formado por partes de diversos animais (como escamas de carpa, garras de águia e chifres de cervo), simbolizando a união de diferentes tribos sob um único totem. Já na cosmologia oriental, possuem diferentes significados:

- *Regente das Águas:* Diferente dos dragões que cospem fogo, o dragão chinês controla as chuvas, rios e mares.
- *Símbolo Imperial:* Historicamente, era o emblema do imperador, representando poder supremo e dignidade.

- *Energia Vital (Qi)*: É associado ao fluxo de energia e à harmonia entre os elementos da natureza.

1.1 Identidade Nacional e Ancestralidade

O dragão define a própria origem étnica do povo chinês. Os chineses costumam usar a expressão “*long de chuan ren*” (descendentes do dragão) para afirmar sua identidade cultural e sua união.

Mitologicamente, o dragão possui partes de vários seres (chifres de cervo, olhos de demônio, escamas de carpa, garras de águia). Isso simboliza a união das primeiras tribos da China antiga.

Durante séculos, o dragão foi de uso exclusivo da realeza, sendo muitas vezes proibido de ser usado pela população em geral, passíveis de serem severamente punidos se esta regra fosse quebrada.

A fim de separar os símbolos da realeza, criaram diversas representações de dragão, sendo que o Dragão de Cinco Garras tornou-se símbolo exclusivo do imperador, representando a autoridade suprema e o mandato divino.

As próprias roupas do imperador eram chamadas de “vestes do dragão”, e tronos, colunas e telhados dos palácios (como na Cidade Proibida) eram decorados com dragões para legitimar o poder real.

Já o Dragão de Quatro Garras foi utilizado por membros da corte e príncipes, e também foi liberado para o povo em geral usar em decorações e vestimentas.

1.2 Conexão Espiritual e Sobrevivência

Diferentemente do dragão ocidental (visto como destrutivo), o dragão chinês é uma divindade benevolente.

Governante do elemento água, domina as nuvens, as chuvas e as colheitas, sendo vital para a sobrevivência agrícola.

Representa a energia masculina, a luz, o calor e a vitalidade no conceito do Yin-Yang.

No Zodíaco Chinês é o único animal mitológico do horóscopo chinês. Pessoas nascidas no ano do Dragão são consideradas corajosas, líderes naturais e destinadas ao sucesso.

Quem nasce sob o signo do Dragão é visto pela sociedade chinesa como alguém predestinado à grandeza. São pessoas magnéticas, corajosas, carismáticas, independentes e cheias de energia vital.

Por outro lado, podem ser excessivamente orgulhosos, impacientes, teimosos e intolerantes com as falhas alheias.

É comum casais chineses planejam casamentos e gestações para que seus filhos nasçam no Ano do Dragão, gerando picos de natalidade na China, pois acreditam que a criança terá uma vida de extrema riqueza e sucesso.

1.3 Linguagem e Vida Cotidiana

A importância do dragão está impregnada no idioma e nos desejos do dia a dia do povo Chinês.

Muitas expressões idiomáticas utilizadas nos dias de hoje são associadas ao poder do Dragão. O provérbio “*Wang zi cheng long*” significa “esperar que o filho se torne um dragão” (ou seja, que tenha muito sucesso na vida).

Em festivais e negócios, empresas e

comércios usam a figura do dragão para atrair riqueza, boa sorte e proteção conta a falência.

2. Mitos e Lendas

2.1 Os Quatro Reis Dragões

Os Quatro Reis Dragões (Longwang) são deuses irmãos da mitologia chinesa encarregados pela Deusa da Criação (Nü Wa) de governar os mares que cercam a terra.

Eles comandam o clima, as chuvas e as criaturas marinhas a partir de seus majestosos Palácios de Cristal no fundo do oceano.

Os quatro reis compartilham o sobrenome Ao, e cada um domina um ponto cardinal:

Ao Guang (Rei Dragão do Mar do Leste): É o irmão mais velho, associado ao Mar Amarelo. Ele controla as chuvas da primavera e o elemento madeira, sendo muito evocado em orações agrícolas.

Ao Qin (Rei Dragão do Mar do Sul): Governa o Mar da China Meridional. Associado ao verão e ao elemento fogo, tem grande controle sobre tempestades e correntes quentes.

Ao Run (Rei Dragão do Mar do

Oeste): Controla o Lago Qinghai. É o senhor do outono e do metal, associado à calma e à pureza das águas interiores.

Ao Shun (Rei Dragão do Mar do Norte): Domina o Lago Baikal. Ligado ao inverno e ao elemento água/gelo, governa as nevascas e as águas frias.

As duas lendas mais famosas que envolvem esses reis são descritas a seguir.

Lenda 1: O Sacrifício dos Quatro Dragões (A Origem dos Rios)

Esta é uma das histórias mais bonitas do folclore chinês sobre empatia e sacrifício.

Antigamente, a terra era verde, mas houve uma seca terrível que durou anos. As plantações morreram, o solo rachou e as pessoas começaram a passar fome. Comovidos com o sofrimento humano, os quatro dragões voaram até os céus para implorar a ajuda do governante supremo.

O imperador prometeu enviar chuva no dia seguinte, mas esqueceu o pedido e continuou focado em seus banquetes imperiais. Ao ver que o povo continuava sofrendo, os dragões tomaram uma decisão ousada:

recolheram água do mar com suas bocas, voaram alto entre as nuvens e a cuspiram por toda a China, salvando a agricultura.

O Imperador de Jade ficou furioso com a desobediência e ordenou ao Deus da Montanha que aprisionasse cada dragão sob uma montanha diferente para sempre. Sem arrependimentos por terem salvo a humanidade, os dragões usaram seus poderes metamórficos e se transformaram nos quatro grandes rios da China (*Heilongjiang*, no norte, *Huanghe*, no centro, *Changjiang*, no sul e *Zhujiang*, mais ao sul) para garantir que o povo nunca mais passasse sede.

Lenda 2: O Conflito com Sun Wukong (O Rei Macaco)

No clássico literário *Jornada ao Oeste*, os Reis Dragões encontram um oponente à altura: o irreverente e indestrutível Sun Wukong.

Sun Wukong precisava de uma arma mágica digna de sua força e invadiu o Palácio de Cristal de Ao Guang, o Rei do Mar do Leste. O rei ofereceu várias espadas e machados pesados, mas o macaco quebrou todos com facilidade. Cansado, o Rei Dragão

sugeriu que Wukong tentasse pegar um antigo pilar de ferro inútil que ficava no fundo do oceano e servia para estabilizar as marés.

Para a surpresa do rei, o pilar brilhou ao ver Wukong. O macaco ordenou que o objeto diminuísse de tamanho até virar um bastão de combate perfeito. Essa arma era o lendário Bastão Dourado.

Não satisfeito, Wukong ainda intimidou os outros três irmãos Reis Dragões a lhe darem uma armadura de malha de ouro, uma fênix e botas para caminhar nas nuvens. Os reis, impotentes contra a força do macaco, foram reclamar formalmente ao Imperador de Jade.

3. Expressão Cultural:

3.1 A Dança do Dragão nas Celebrações Populares

A Dança do Dragão (Figura 1), é uma das manifestações mais emblemáticas da cultura chinesa, servindo como uma ponte viva entre o mito, a celebração e a disciplina física. Diferentemente da visão ocidental, o dragão oriental é uma divindade benevolente que simboliza sabedoria, força e prosperidade.



Figura 1. Dragão Chinês: Apresentação de Ano Novo Chinês no Bairro da Liberdade - SP.

A dança surgiu na Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) como um ritual para pedir chuva e boas colheitas. Hoje, é indispensável no Ano Novo Chinês e no Festival das Lanternas, além de diversos tipos de manifestações populares.

Acredita-se que o movimento sinuoso do dragão afasta espíritos malignos e traz sorte para a comunidade.

A cor do dragão altera seu significado; o verde simboliza colheita, enquanto o dourado e prata representam riqueza e prosperidade.

3.2 Conexão com as Artes Marciais

A Dança do Dragão está intrinsecamente ligada às artes marciais chinesas. Tradicionalmente, dançarinos

são praticantes experientes de *Kung Fu/Wushu*, devido às exigências físicas da performance. (Figura 2)

Manejar um dragão pesado exige força nas pernas, coordenação de grupo e resistência aeróbica.

Nas artes marciais, o "estilo do dragão" prioriza a fluidez, a estratégia e a adaptabilidade, vencendo o oponente através da astúcia em vez da força bruta.

Essa arte performática não é apenas um espetáculo visual, mas uma prática que preserva a identidade cultural e a marcialidade da nação chinesa.



Figura 2. Alunos executando a Dança do Dragão no Instituto Long Fei de Artes Marciais em São Bernardo do Campo – SP.

3.3 A Dança do Leão Chinês

Sempre que falamos da Dança do Dragão, não podemos deixar de fora a Dança do Leão.

Para um leigo que está em contato pela primeira vez com as danças folclóricas do Dragão e do Leão Chinês, é comum confundir as duas figuras míticas, pois ambas possuem aspectos semelhantes aos dragões mitológicos.

Embora ambas sejam essenciais em celebrações chinesas para atrair sorte e afastar energias negativas, a Dança do Dragão (Wulong) e a Dança do Leão (Wushi), possuem diferenças fundamentais em execução, simbolismo e estrutura.

3.3.1 Número de Praticantes

- **Dança do Dragão:** Exige uma equipe numerosa. O corpo do dragão é longo e segmentado, sustentado por varas. Dependendo do tamanho, pode envolver de 9 a 50 pessoas (ou mais), que correm e se movem em sincronia para criar um movimento ondulante.
- **Dança do Leão:** É executada por apenas duas pessoas sob uma

- única fantasia. Uma controla a cabeça (e os olhos/boca), e a outra faz o dorso e as patas traseiras. (Figura 3)



Figura 3. Alunos executando a Dança do Leão no Instituto Long Fei de Artes Marciais em São Bernardo do Campo – SP.

3.3.2 Movimento e Personalidade

- **O Dragão:** Representa uma divindade celestial. Seus movimentos são fluidos, contínuos e sinuosos, como a água ou o vento. O foco é a harmonia do grupo para fazer o dragão "voar" e perseguir a "Pérola da Sabedoria".
- **O Leão:** É retratado como um animal terrestre com personalidade forte. A dança é mais acrobática, saltitante e expressiva. O leão interage com o público, demonstra emoções (curiosidade, sono, raiva)

- e realiza o ritual de "colher a alface" (Cai Qing) para simbolizar fortuna. (Figura 4)



Figura 4. Dança de Leão: Apresentação de Ano Novo Chinês no Bairro da Liberdade – SP

3.3.3 Conexão com as Artes Marciais

- **Dança do Dragão:** Foca na coordenação coletiva e resistência. O erro de um integrante pode derrubar toda a estrutura.
- **Dança do Leão:** É considerada a prova de fogo do Kung Fu. Exige bases extremamente fortes (postura do cavalo), força explosiva

- para levantamentos e agilidade para saltar entre pilares altos.

3.3.4 Simbolismo Visual

- **Dragão:** Uma figura mítica longa, serpentina, que simboliza poder imperial e regência sobre os elementos naturais.
- **Leão:** Uma criatura robusta e amigável (no estilo Sulista/Cantonês) ou peluda e atlética (no estilo Nortista).

4. O Coração do Dragão e do Leão Chinês

4.1 O Tambor

O tambor é considerado a pulsação da criatura. Sem ele, a dança é apenas um movimento vazio.

O mestre do tambor é quem lidera a performance. Ele dita a velocidade, a intensidade e as mudanças de direção. Os dançarinos seguem o ritmo do tambor para sincronizar seus passos de Kung Fu.

O toque do tambor muda conforme o “humor” do dragão e do leão. Batidas rápidas e fortes indicam raiva ou excitação; batidas lentas e suaves indicam que o leão está

dormindo ou hesitando diante de um obstáculo.

O som profundo e vibrante do tambor tem a função espiritual de “limpar” o ambiente, afastando influências negativas com sua frequência poderosa.

4.2 Os Pratos e o Gongô: A Camada Sonora

Enquanto o tambor é o coração, os pratos (*cha*) e o gongô (*luo*) trazem a energia (*Yang*).

Eles acentuam os movimentos da cabeça do leão (como o piscar dos olhos) e criam um ambiente festivo que atrai a atenção do público e das divindades.

4.3 Fogos de Artifício: A Barreira de Proteção

Os fogos de artifício (*baozhu*) são fundamentais no folclore chinês, especialmente ligados à lenda do monstro Nian.

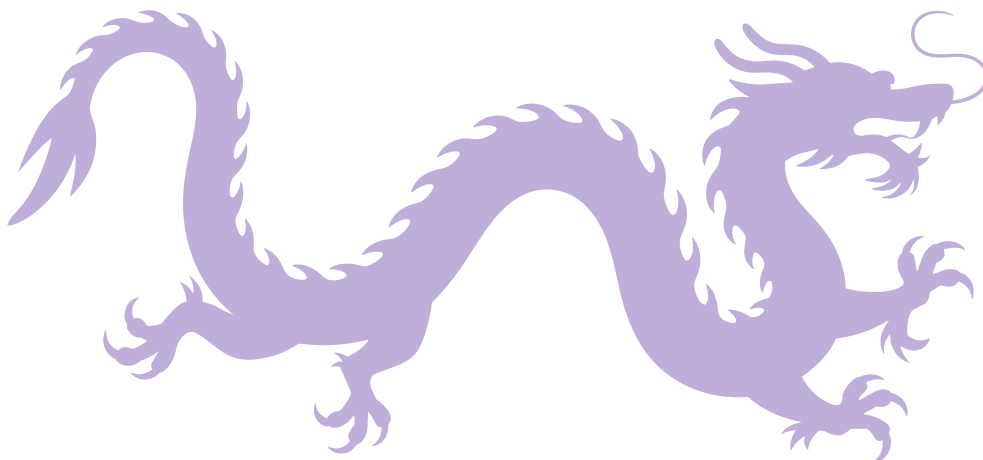
- **O Som que Assusta:** Diz a lenda que o monstro Nian temia barulhos altos e a cor vermelha. Por isso os fogos são acesos, para garantir que nenhum espírito

- maligno permaneça no local onde o leão ou o dragão estão abençoando.
- **Anúncio de Chegada:** Eles marcam o início e o fim da celebração, avisando à comunidade (e aos deuses) que o ritual de purificação e sorte começou.
- **Fumaça Purificadora:** Além do som, a fumaça gerada pelos fogos é vista tradicionalmente como uma forma de “limpar” o ar e renovar as energias do ambiente.

Em conjunto, esses elementos criam uma experiência sensorial completa: o visual (o animal), o físico (o Kung Fu) e o auditivo (música e explosões) trabalham para garantir mais um período de harmonia e prosperidade para quem está presente...

REFERÊNCIAS

- CHANG HOI LENG: Dança do Dragão tornou-se Patrimônio Cultural Intangível da cidade, corpo saudável une o povo, Revista Macau, Edição 140, fevereiro de 2021.
- GUANZHONG LUO, Romance dos Três Reinos: Sanguo Yanyi, vol.1, ed. Português, São Paulo: Independently published, 2024.
- LIHUI YANG, Deming Um. Manual de Mitologia Chinesa . Imprensa da Universidade de Oxford. 2008.
- WEI ZHIQIANG, ed: The Dragon Culture and Dragon Movements of China. Tianjin: Tianjin Ancient Books Publishing House, edição de 2003.
- WU CHENG, Jornada Ao Oeste - O Nascimento Do Rei Dos Macacos, 1 ed. Português, São Paulo: Conrad, 2008.



FREYA VS HATHOR:

AMOR, SENSUALIDADE E AUTOESTIMA

POR ANDRÉIA CAPRARO

Mitologia Nórdica + Egípcia - Um comparativo comportamental feminino

Ao longo da história, diferentes culturas criaram deusas que personificam o amor, o desejo, a feminilidade e o poder emocional da mulher. Entre elas, duas figuras se destacam por sua profundidade simbólica: **Freya**, da mitologia nórdica, e **Hathor**, da mitologia egípcia.

Embora pertençam a universos culturais distintos, ambas carregam arquétipos femininos intensos e, ao mesmo tempo, extremamente humanos. Elas nos falam sobre amor, sensualidade, autoestima, prazer, independência emocional e sobre as complexidades do feminino diante dos vínculos afetivos.

Mas talvez a pergunta mais interes-

sante não seja apenas quem elas foram na mitologia — e sim: o que essas deusas ainda revelam sobre nós?

Freya: a mulher intensa, magnética e emocionalmente livre

Na mitologia nórdica, Freya é a deusa do amor, da fertilidade, da sensualidade, da magia e da guerra. Diferente de arquétipos femininos passivos, ela representa uma mulher que deseja, escolhe, sente profundamente e, ao mesmo tempo, preserva sua autonomia.

Freya ama, mas não se anula. Ela deseja, mas não perde sua força. Existe nela uma intensidade emocional quase visceral, acompanhada de uma sensualidade natural e de uma profunda conexão com seus próprios desejos.

Do ponto de vista comportamental, Freya representa mulheres que vivem o amor de maneira intensa. São aquelas que sentem muito, mergulham emocionalmente, possuem magnetismo, paixão e uma presença difícil de ignorar. Contudo, também carregam um desafio importante: o equilíbrio entre amar profundamente e não se perder emocionalmente no outro.

Sob uma perspectiva psicanalítica, Freya pode simbolizar a mulher que luta para reconciliar independência e afeto. A mulher que deseja relações intensas, mas teme perder sua liberdade ou identidade. Existe nela uma força sedutora, mas também uma vulnerabilidade escondida: o medo inconsciente da rejeição ou da perda emocional.

Sua sensualidade não nasce apenas da aparência — nasce da autenticidade, da força interna e da capacidade de ocupar espaço sem pedir permissão.

Hathor: a mulher que nutre, encanta e acolhe

Já Hathor, na mitologia egípcia, surge como deusa do amor, da beleza, da música, da alegria, da fertilidade

e do prazer. Mas existe algo ainda mais profundo em sua essência: Hathor é uma figura do acolhimento emocional.

Ela representa a mulher que nutre, protege, cuida e cria conexão afetiva através da presença, do afeto e da delicadeza. Sua sensualidade não é impulsiva — é envolvente, receptiva e profundamente emocional.

Na perspectiva comportamental, Hathor pode ser associada a mulheres que encontram potência no cuidado, no vínculo e na criação de segurança emocional. Mulheres que sabem acolher, ouvir, proteger e transformar ambientes através da presença afetiva.

Mas aqui também mora um desafio psíquico: o excesso de entrega emocional. Muitas mulheres conectadas ao arquétipo de Hathor podem acabar confundindo amor com responsabilidade afetiva excessiva. Tornam-se cuidadoras emocionais, assumem dores alheias e, frequentemente, se esquecem de si mesmas.

Na psicanálise, esse movimento pode estar ligado a feridas emocionais antigas, especialmente relacionadas à necessidade de pertenci-

mento, aprovação ou medo do abandono. Como se, inconscientemente, o amor precisasse ser merecido através do cuidado constante.

Amor: intensidade ou acolhimento?

Enquanto Freya nos ensina sobre a coragem de desejar e manter nossa identidade, Hathor nos fala da beleza do vínculo, da suavidade e do afeto.

Freya pergunta:

“Você ama sem se abandonar?”

Hathor questiona:

“Você cuida sem se esquecer de si?”

Nenhuma está errada. Ambas representam forças legítimas do feminino. O desafio talvez esteja no equilíbrio.

Existe uma Freya dentro da mulher que aprende a dizer não, reconhece seu valor e não implora permanência.

Existe uma Hathor dentro da mulher que sabe amar com ternura, criar intimidade emocional e oferecer presença genuína.

Mas o amadurecimento emocional talvez aconteça quando compreendemos que sensualidade não é ca-

rência, amor não é sacrifício e autoestima não deve depender do olhar do outro.

Sensualidade: muito além da aparência

Tanto Freya quanto Hathor revelam algo essencial: a sensualidade feminina vai muito além do corpo.

Freya nos ensina a sensualidade da autenticidade, da coragem, do desejo assumido.

Hathor nos ensina a sensualidade da presença, da escuta, da delicadeza emocional.

Talvez a verdadeira sensualidade feminina nasça quando deixamos de performar para sermos aceitas e começamos a ocupar nosso espaço emocional com verdade.

Porque autoestima não é se sentir perfeita — é sentir-se suficiente.

O encontro entre Freya e Hathor dentro de nós

No fim, talvez não sejamos apenas uma ou outra.

Há dias em que somos Freya: intensas, magnéticas, independen-

tes, apaixonadas pela vida. Há dias em que somos Hathor: acolhedoras, suaves, emocionais, desejando conexão e pertencimento.

O verdadeiro aprendizado feminino talvez esteja em integrar essas forças sem culpa.

Ser forte sem endurecer.

Ser sensível sem se apagar.

Amar sem mendigar.

Cuidar sem carregar o mundo.

E compreender que autoestima não nasce quando alguém nos escolhe — nasce quando finalmente aprendemos a não nos abandonar.

- FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.
- GAIMAN, N. Mitologia Nórdica Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- JUNG, C.G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PINCH, G. Mitologia Egípcia. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- RISO, W. Amar ou Depender? São Paulo: Planeta, 2013.
- O Livro dos Símbolos: Reflexões sobre Imagens Arquetípicas. Colônia: Taschen, 2010.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CAMPBELL, J. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- BOLEN, J. S. As Deusas e a Mulher. São Paulo: Paulus, 1990.
- BUDGE, E. A. Q. O Livro Egípcio dos Mortos. São Paulo: Pensamento, 2012.
- ESTÉS, C. O. Mulheres que Correm com os Lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

REINO MÍTICO:

TEMAS DA MITOLOGIA PARA ESTUDOS

POR LARISSA DIAS

O ano de 2026 foi especialmente significativo para mim. Foi quando realizei um antigo sonho: iniciar um grupo de estudos sobre mitologia, o **Reino Mítico**. Ao longo dos encontros, percebi que muitas pessoas desejam conhecer esse universo, mas nem sempre sabem por onde começar.

Foi dessa experiência que nasceu a vontade de compartilhar alguns dos principais temas que podem servir como portas de entrada para o estudo dos mitos. Espero que este artigo desperte em você a mesma curiosidade que tem guiado tantos estudiosos ao longo da história.

Muito além de histórias antigas

Antes de qualquer coisa, é importante desfazer um equívoco bastante comum: *mitos não são mentiras nem simples histórias fantasiosas.*

Para o mitólogo Joseph Campbell (2008), os mitos são narrativas simbólicas que acompanham a humanidade desde seus primórdios. Por meio delas, diferentes povos buscaram responder às grandes perguntas da existência:

- Quem somos?
- De onde viemos?
- Qual é o sentido da vida?
- Como lidar com o sofrimento, as perdas, a morte e as transformações?

Segundo o mesmo autor, um dos maiores estudiosos da mitologia do século XX, os mitos são "as pistas para as potencialidades espirituais da vida humana". Em outras palavras, eles nos ajudam a compreender não apenas o mundo, mas também a nós mesmos.

As quatro funções da mitologia

Campbell identificou quatro funções fundamentais dos mitos.

A primeira é a **função mística**, que desperta o sentimento de admiração diante do mistério da existência.

A segunda é a **função cosmológica**, responsável por explicar a estrutura do universo e o lugar do ser humano dentro dele.

A terceira é a **função sociológica**, que sustenta costumes, valores, leis e instituições de uma determinada cultura.

Por fim, existe a **função pedagógica**, talvez uma das mais próximas da experiência cotidiana. Ela oferece orientação para atravessarmos as diferentes etapas da vida, ensinando-nos por meio de símbolos e narrativas.

A Jornada do Herói

Entre todos os temas da mitologia, poucos se tornaram tão conhecidos quanto a Jornada do Herói.

Campbell percebeu que narrativas de diferentes culturas apresentavam uma mesma estrutura simbólica: alguém é chamado a abandonar sua vida comum, enfrenta desafios, trans-

forma-se profundamente e retorna trazendo algo valioso para sua comunidade.

Posteriormente, Christopher Vogler organizou essa estrutura em doze etapas:

1. Mundo Comum;
2. Chamado à Aventura;
3. Recusa do Chamado;
4. Encontro com o Mentor;
5. Travessia do Primeiro Limiar;
6. Provas, Aliados e Inimigos;
7. Aproximação da Caverna Oculta;
8. Provação;
9. Recompensa;
10. Caminho de Volta;
11. Ressurreição;
12. Retorno com o Elixir.

Mais do que uma fórmula para romances e filmes, Campbell defendia que essa jornada representa o próprio processo de amadurecimento humano. Todos nós somos, em algum momento da vida, chamados a enfrentar desafios, abandonar antigas versões de nós mesmos e retornar transformados.

Os símbolos como linguagem universal

Outro fascinante campo de estudos é o simbolismo.

Os símbolos aparecem repetidamente em culturas que nunca tiveram contato entre si, revelando experiências profundamente humanas.

Entre os mais conhecidos estão:

- a Árvore da Vida;
- o Dragão;
- a Serpente;
- o Labirinto;
- a Montanha Sagrada;
- o Herói;
- a Grande Mãe.

Essas imagens atravessam séculos e continentes porque falam diretamente ao imaginário humano, expressando medos, desejos, ciclos e possibilidades de transformação.

Mitos e sonhos

Joseph Campbell e Carl Gustav Jung encontraram grande afinidade ao estudar os símbolos presentes tanto nos sonhos quanto nos mitos.

Jung (2015) afirmava que os sonhos são manifestações espontâneas do inconsciente, enquanto Campbell observava que os mitos cumprem função semelhante em escala coletiva.

Costuma-se resumir essa ideia da

seguinte forma:

- *Os sonhos são mitos privados.*
- *Os mitos são sonhos públicos.*

Ambos utilizam símbolos para expressar conteúdos profundos da psique, oferecendo caminhos para o autoconhecimento.

Os ritos de passagem

Outro tema fundamental são os ritos de passagem.

Nascimento, puberdade, casamento, maternidade, paternidade, envelhecimento e morte sempre foram acompanhados por rituais simbólicos nas sociedades tradicionais, conforme Campbell (1992).

Esses rituais ajudavam o indivíduo a compreender as mudanças inevitáveis da existência.

Na sociedade contemporânea, muitas dessas passagens deixaram de possuir um significado coletivo, tornando a mitologia uma importante ferramenta para resgatar esse sentido simbólico.

Felicidade e bem-aventurança

Entre as frases mais conhecidas de Campbell está: *"Follow your bliss."*

Em português, costuma ser traduzida como "Siga sua bem-aventurança".

A ideia não é buscar uma felicidade superficial, mas descobrir aquilo que desperta um profundo sentimento de sentido, propósito e realização.

Os mitos frequentemente apresentam personagens que abandonam a segurança para atender a um chamado interior. Talvez essa seja uma das maiores contribuições da mitologia para a vida contemporânea: ajudar cada pessoa a reconhecer sua própria vocação.

A mitologia no mundo moderno

Será que ainda produzimos mitos?
Para Campbell, sim.

Embora a sociedade moderna seja cada vez mais secularizada — isto é, menos dependente da religião como explicação para o mundo — continuamos criando narrativas capazes de expressar nossos valores, medos e esperanças.

A literatura, o cinema, os quadrinhos, os videogames e outras manifestações artísticas frequentemente desempenham hoje um papel semelhante ao dos antigos mitos, apresentando heróis, jornadas, monstros, sacrifícios e processos de transformação.

O sagrado feminino e as deusas

Outro campo que desperta crescente interesse é o estudo das deusas.

Durante milênios, diferentes civilizações veneraram divindades femininas associadas à fertilidade, à natureza, à lua, aos ciclos da vida, da morte e da renovação.

Conforme Campbell (2015), a Grande Mãe, as deusas da terra e da agricultura, as senhoras da guerra, da sabedoria e do amor revelam diferentes aspectos do feminino sagrado.

Estudar essas figuras é também compreender como as imagens da mulher se transformaram ao longo da história e como continuam influenciando nossa visão de mundo.

Mitologia Comparada

Por fim, chegamos a um dos campos

mais fascinantes da pesquisa mítica: a Mitologia Comparada.

De acordo com Campbell (1992), seu objetivo é colocar lado a lado mitos de diferentes povos para identificar semelhanças, diferenças, símbolos recorrentes e temas universais. Não se trata de afirmar que uma cultura copiou outra, mas de compreender como diferentes civilizações encontraram respostas semelhantes para as grandes questões da existência.

Os exemplos são inúmeros. Os mitos do dilúvio aparecem tanto na tradição bíblica, com Noé, quanto na epopeia de Utnapishtim, na antiga Mesopotâmia, e também em narrativas indígenas das Américas. Prometeu, na mitologia grega, e Maui, na tradição polinésia, são heróis que entregam o fogo ou conhecimentos essenciais à humanidade. As grandes deusas da fertilidade — como Ísis, Deméter, Inanna e Pachamama — representam, em diferentes culturas, a força criadora da natureza e os ciclos da vida. Já os heróis Cuchulainn, Hércules, o rei Arthur, Gilgamesh e até mesmo personagens contemporâneos como os de Luke Skywalker percorrem estradas com etapas semelhantes.

Essas aproximações revelam que, apesar das diferenças culturais, os seres humanos compartilham inquietações profundamente parecidas. Mudam os nomes, os cenários e os personagens; permanecem os grandes temas da condição humana.

Um convite ao Reino Mítico

Estudar mitologia é muito mais do que conhecer deuses, monstros ou heróis antigos. É aprender uma nova forma de olhar para a existência.

Cada mito nos convida a enxergar os símbolos presentes na natureza, nos sonhos, na arte, na literatura e até mesmo em nossa própria história de vida. Quanto mais estudamos essas narrativas, mais percebemos que elas continuam vivas, dialogando com nossas escolhas, nossos desafios e nossos processos de transformação. Que este seja apenas o início da sua jornada pelo Reino Mítico. Afinal, como nos lembra Joseph Campbell, os mitos não nos dizem o que pensar; eles nos ensinam a viver. Aqui, cabe um complemento de minha parte: viver através dos mitos é trazer a magia para a sua vida de uma forma que a faça não apenas necessária, mas muito, muito mais interessante e, com certeza, espetacular!

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. As máscaras de Deus - Vol. 1 - Mitologia Primitiva. São Paulo: Palas Athena, 1992
- CAMPBELL, J. Deusas – Os mistérios do Divino Feminino. São Paulo: Palas Athena, 2015.
- CAMPBELL, J. Mito e Transformação. São Paulo: Ágora, 2008.
- JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



LIVRO: OS MITOS COREANOS - UM GUIA PARA DEUSES, HERÓIS E LENDAS

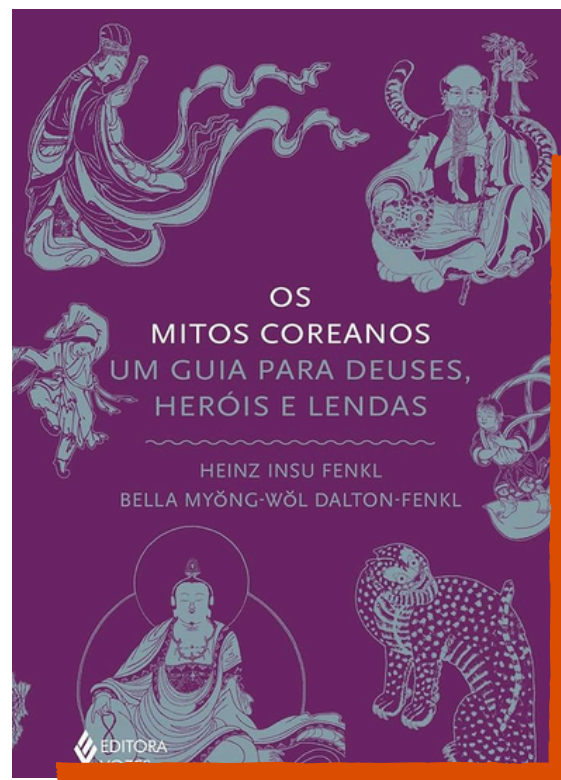
AUTORES: HEINZ INSU FENKL E BELLA MYÖNG DALTON FENKIL

POR LUCAS VITORINO

A Editoria Vozes trouxe, com a série Mitos, a proposta de apresentar diferentes mitologias em livros introdutórios de aproximadamente duzentas páginas. Além das mitologias mais familiares ao público brasileiro, como a grega, egípcia e nórdica, também traz mitologias menos conhecidas, como a chinesa, japonesa, asteca, e, o que é nosso tema em questão, a coreana. Dito isso, hoje trago-lhes a resenha do livro “Os mitos coreanos: Um guia para deuses, heróis e lendas”, escrito por Heinz Insu Fenkil e Bella Myöng Dalton Fenkil.

Antes de tratar dos deuses, heróis, criaturas sobrenaturais e principais mitos, o livro nos apresenta o povo coreano e sua cultura, afinal, é através do conhecimento acerca de um povo que podemos entender mais claramente os mitos por ele criados e seus significados mais profundos.

Dentre as temáticas mais comuns presentes nos mitos coreanos podemos destacar três: inteligência, sa-



crifício e virtude feminina. A inteligência é uma ferramenta poderosa para que heróis de diferentes mitologias, assim como personagens de contos de fadas, consigam superar desafios aparentemente impossíveis ou sobrepor-se contra inimigos mais poderosos. O sacrifício e a virtude feminina são ressaltados em histórias de heroínas que, com sua dedicação, conseguem lutar a favor de suas comunidades, servindo-se assim como agentes de forças benéficas.



O livro apresenta a figura mítica do Imperador Sejong, personagem ao qual é atribuída a criação do alfabeto hangul, que é extremamente importante para os coreanos, pois é uma escrita fácil de se aprender, o que ajudou a difundir a alfabetização para a população comum. Este alfabeto foi criado quando o Imperador Sejong, após anos de estudos, inspirou-se nos padrões geométricos presentes em molduras de painéis de madeira.

Criaturas sobrenaturais como sanshin (divindades das montanhas), magwi (espíritos malignos), dokkaebi (espécies de goblins desonestos com poderes sobrenaturais), dentre outras, são apresentados de forma breve. Uma história clássica de terror entre os coreanos, a da mão vermelha, é coincidentemente muito semelhante a uma outra versão apresentada no livro sobre mitologia japonesa de série Mitos, também da Editora Vozes.

Alguns capítulos do livro falam acerca das duas Coreias, a do Sul e a do Norte, tratando de forma muito interessante acerca da dinastia Kim, que comanda a Coreia do Norte e já se encontra em sua terceira geração

no poder. É um assunto muito pertinente, pois os membros da dinastia Kim são retratados quase como divindades, possuindo poderes sobre-humanos, além de terem alcançado façanhas grandiosas ainda quando crianças. É um tópico bastante pertinente, pois a máquina estatal da Coreia do Norte empreende grandes esforços para reforçar a imagem mítica da dinastia Kim através dos meios de comunicação e da educação.

Por fim, no último dos seis capítulos do livro, são apresentados os esforços grandiosos e marcados de sucesso que a Coreia se utilizou para exportar a sua cultura para o mundo. Atualmente, as *idols*, bandas de *k-pop* e doramas são extremamente populares em todo o mundo ocidental. Prova disso são séries de sucesso como Round 6 e o quadrinho, que recebeu posteriormente adaptação em anime, Solo Leveling.

O livro conta com várias imagens além de uma linha do tempo acerca da Coreia. Como alguém que não tinha nenhuma familiaridade com a mitologia coreana antes de iniciar a leitura da obra, posso afirmar que o livro tem êxito em apresentar essa

BIBLIOTECA DE THOTH



cultura tão diferente da nossa aqui no ocidente. Indico a leitura para aqueles que desejam conhecer mais acerca dessa temática. O número de páginas reduzido, ainda mais com várias imagens, torna a obra fácil de ser lida em sua íntegra e apresenta uma linguagem de fácil compreensão.

나.랏.말.쓰.미.中.國.에.달.아.아.니.홀.씨.
 文.字.와.로.서.쓰.스.몯.디.아.니.홀.씨.
 이.런.전.차.로.어.린.百.姓.이.
 니.르.고.져.흥.배.이.셔.도.
 무.츄.내.제.브.들.시.러.퍼.디.
 몰.흥.노.미.하.니.라.
 내.이.를.爲.히.야.어.옛.비.너.겨.
 새.로.스.믈.여.툼.字.를.밍.그.노.니.
 사.름.마.다.히.여.수.빙.니.겨.날.로.부.메.
 便.安.키.히.고.져.흥.쌍.루.미.니.라.



Tema: A egiptologia brutal do Nile: Uma imersão extrema na mitologia egípcia

POR LUIS RIBEIRO – HELLYEAH!

Poucas bandas na história do Death Metal conseguiram transformar uma referência cultural em uma verdadeira identidade artística como o Nile. Desde os primeiros registros lançados em meados dos anos 1990, a banda norte-americana liderada por Karl Sanders construiu uma obra em que brutalidade, técnica, atmosfera e pesquisa histórica se encontram em torno de um universo específico: o Egito Antigo. Deuses, faraós, rituais funerários, guerras, maldições, criaturas sobrenaturais, textos mágicos e o misterioso *Duat*, o mundo dos mortos, aparecem inúmeras vezes em uma discografia que fez da Antiguidade Egípcia sua principal referência.

Formado na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, o Nile desenvolveu uma sonoridade que combina Death Metal brutal e técnico com elementos instrumentais e atmosféricos inspirados no Oriente Médio e no imaginário do Egito Antigo. Essa combinação já estava presente nos primeiros trabalhos e se tornou progressivamente mais sofisticada. O catálogo oficial da



Foto: Divulgação

banda reúne dez álbuns completos de estúdio, além de diversos EPs, singles e splits.

Diferentemente de bandas que usam o Egito apenas como adereço visual, o Nile mergulha fundo na egiptologia. Seus títulos, composições e narrativas recorrem a divindades como Ra, Set, Hórus, Sobek, Apep e Seker; a personagens históricos como Ramsés II e Unas; a conceitos religiosos, como o julgamento dos mortos e a

VITROLA DE ORFEU



passagem pelo submundo; e a textos funerários e mágicos que ajudam a construir uma visão extremamente sombria daquela civilização. Ao mesmo tempo, a banda mistura essas referências com elementos da literatura de H. P. Lovecraft e de outras tradições do horror, criando uma espécie de Egito Antigo alternativo, monumental e aterrorizante.

A relação do Nile com a mitologia egípcia já aparece em *Festivals of Atonement*, seu primeiro EP, lançado em 1995. A obra apresenta faixas como "The Black Hand of Set", diretamente relacionada a Set, uma das figuras mais complexas do panteão egípcio, associado ao deserto, às tempestades, à violência e ao caos. A faixa "Divine Intent" e a própria ideia de "festivais de expiação" ajudam a estabelecer uma atmosfera de religiosidade, violência e ritual.

A própria descrição do lançamento destaca que o EP já apresentava a combinação entre a violência e a grandiosidade egípcias que se tornaria característica do Nile.

Esse caminho é aprofundado na demo *Ramses, Bringer of War*, lançada

em 1996. A faixa-título apresenta Ramsés II como uma figura associada à guerra e ao poder militar. O personagem voltaria a aparecer no álbum seguinte, *Amongst the Catacombs of Nephren-Ka*.

Quando *Amongst the Catacombs of Nephren-Ka* foi lançado, em 1998, a própria lista de faixas trouxe praticamente um mapa do imaginário que o Nile exploraria durante décadas: "Smashing the Antiu", "Serpent Headed Mask", "Ramses Bringer of War" e "Beneath Eternal Oceans of Sand" são exemplos claros.

Particularmente importante é "Opening of the Mouth", cujo título remete a um antigo ritual funerário egípcio destinado a devolver simbolicamente ao morto suas capacidades de respirar, falar, comer e beber no além. Já "Ramses, Bringer of War" transforma o faraó histórico em uma presença quase mitológica, enquanto "Serpent Headed Mask" explora o simbolismo das criaturas serpentinae tão recorrentes na religião egípcia.

O álbum ainda evidencia uma característica que se tornaria fundamental no Nile: não separar completamente

VITROLA DE ORFEU



história, religião e horror. Em seu uni-verso, o Egito histórico pode coe-xistir com entidades sobrenaturais e situações que parecem saídas de um pesadelo.

Se *Amongst the Catacombs of Nephren-Ka* estabeleceu a fórmula, *Black Seeds of Vengeance*, de 2000, expandiu-a consideravelmente. A abertura, "Invocation of the Gate of The Anti Ankh Es En Amenti", já coloca o ouvinte diante de uma passagem para o além. O próprio título do álbum apresenta uma das ideias recorrentes na obra do Nile, tendo a vingança como força sobrenatural e ritualística.

"Defiling the Gates of Ishtar" amplia o espectro geográfico e religioso ao recorrer a Ishtar, divindade mesopotâmica associada, entre outros aspectos, ao amor, à guerra e à sexualidade.

Já "Chapter for Transforming Into a Snake" remete à tradição dos textos mágicos e funerários egípcios, nos quais fórmulas poderiam permitir ao morto assumir diferentes formas durante sua jornada no além. A ideia de transformação é essencial para

compreender a espiritualidade egípcia retratada pelo Nile. A morte não significa simplesmente desaparecer, mas atravessar uma transformação para outra condição de existência.

Em 2002, *In Their Darkened Shrines* leva essa concepção a uma escala épica. O disco é provavelmente um dos exemplos mais completos da capacidade do Nile de transformar mitologia em narrativa musical. A própria sequência de faixas percorre temas como os mortos, sarcófagos, Hórus, Ra e o faraó Unas.

"The Blessed Dead" estabelece a relação entre morte e sacralidade. Em seguida, "Execration Text" evoca os textos de execração, práticas mágicas utilizadas no Egito Antigo para amaldiçoar e neutralizar inimigos.



Foto: Divulgação
Nile

VITROLA DE ORFEU



"Sarcophagus" mergulha diretamente no universo funerário, enquanto "Kheftiu Asar Butchiu" e "Unas, Slayer of the Gods" ampliam a narrativa.

"Unas, Slayer of the Gods" é especialmente representativa. Unas foi um faraó da Quinta Dinastia e é conhecido, entre outras coisas, pelos textos funerários inscritos em sua pirâmide. Na interpretação do Nile, entretanto, ele surge como uma figura quase monstruosa, capaz de enfrentar e destruir divindades. A faixa, com mais de onze minutos de duração, é uma das maiores demonstrações de como a banda transforma material religioso antigo em uma narrativa extrema.

O ápice do disco vem na suíte de quatro partes que dá nome ao trabalho. Ali, a figura de Ra assume contornos apocalípticos. Como deus solar, Ra está diretamente relacionado à ordem cósmica e ao ciclo diário de morte e renascimento do Sol. A destruição do templo de seus inimigos, portanto, ganha uma dimensão quase apocalíptica. Aqui, a música do Nile funciona como uma espécie de arqueologia imaginária, na qual o

ouvinte é conduzido por templos, tumbas, rituais e espaços do além.

Annihilation of the Wicked, de 2005, representa talvez o ponto em que a mitologia egípcia e o Death Metal do Nile atingem uma de suas combinações mais perfeitas. O álbum contém títulos como "Sacrifice Unto Sebek", "User-Maat-Re", "The Burning Pits of the Duat" e "Annihilation of the Wicked".

Sobek, divindade com cabeça de crocodilo, é associado ao Nilo, à fertilidade, à força e ao poder faraônico. Em "Sacrifice Unto Sebek", o Nile enfatiza justamente o aspecto ameaçador dessa divindade, transformando sua imagem em uma entidade digna de sacrifício e terror.

Já o Duat é um dos elementos centrais da cosmologia funerária egípcia, o mundo subterrâneo pelo qual o morto precisava passar antes de alcançar sua existência no além. "The Burning Pits of the Duat" transforma essa jornada em uma paisagem infernal, enquanto a faixa-título apresenta uma verdadeira máquina sobrenatural de destruição.

VITROLA DE ORFEU



Annihilation of the Wicked também demonstra a proximidade do Nile com o horror cósmico. Seker, divindade funerária ligada a Mênfis, aparece associado a um domínio de escuridão, morte e decomposição. A narrativa da música apresenta serpentes, criaturas reptilianas e entidades responsáveis por punir e destruir os condenados.

Essa combinação de religião egípcia com horror lovecraftiano é essencial para compreender o Nile. O Egito da banda não é necessariamente o Egito histórico em sua totalidade, mas uma interpretação artística na qual deuses antigos são gigantescos, indiferentes e frequentemente aterrorizantes.

Em 2007, *Ithyphallic* mergulha novamente em temas relacionados à criação, à destruição e à sexualidade. A faixa-título utiliza a imagem do ithyphallos, representação de um órgão sexual masculino ereto, elemento associado a determinadas representações de fertilidade e poder na arte religiosa egípcia. O álbum também apresenta "As He Creates So He Destroys", estabelecendo uma relação direta entre criação e destruição.

Mas um dos grandes destaques é "Laying Fire Upon Apep". Apep, ou Apófis, é a enorme serpente associada ao caos e inimiga de Ra. Na cosmologia egípcia, o conflito entre Ra e Apep representa uma batalha cósmica recorrente entre ordem e caos.

Essa oposição é perfeita para o Nile. O Death Metal, por sua própria natureza, é frequentemente construído sobre tensão, destruição e confronto. Em Ithyphallic, essa linguagem musical se encontra com um dos mais antigos arquétipos de batalha cósmica: o deus solar enfrentando a serpente que ameaça mergulhar o mundo novamente na escuridão.

O álbum ainda apresenta "Papyrus Containing the Spell to Preserve Its Possessor Against Attacks from He Who Is in the Water", título que deixa explícita a fascinação do grupo pelos textos mágicos e funerários egípcios. O Nile não se interessa apenas pelos grandes deuses, mas também pelas fórmulas, objetos e práticas que faziam parte da experiência religiosa cotidiana.

Em 2009, *Those Whom the Gods*

VITROLA DE ORFEU



Detest mantém a combinação entre o Egito e outras tradições do Oriente Próximo. "Utterances of the Crawling Dead", "Permitting the Noble Dead to Descend to the Underworld", "Kem Khefa Kheshef" e, principalmente, "The Eye of Ra" são exemplos da continuidade do universo egípcio.

"The Eye of Ra" é particularmente significativa porque o Olho de Ra não representa simplesmente um órgão físico. Trata-se de um poderoso conceito religioso associado à força e à manifestação do deus solar, podendo assumir diferentes formas e associações com divindades femininas como Hathor e Sekhmet. No universo do Nile, essa imagem se torna novamente uma força ameaçadora e sobrenatural.

O álbum também revela como a banda nunca esteve interessada em uma representação puramente acadêmica do Egito. "Hittite Dung Incantation" e "4th Arra of Dagon", por exemplo, ampliam o repertório para outras culturas e tradições míticas. A mitologia egípcia é o centro de gravidade, mas o projeto artístico do Nile é maior. Trata-se de construir uma história alternativa do mundo

antigo, na qual diferentes sistemas religiosos e entidades sobrenaturais podem coexistir.

At the Gate of Sethu, de 2012, continua explorando o universo funerário. O próprio Sethu é uma forma de referência a Set, enquanto faixas como "The Fiends Who Come to Steal the Magick of the Deceased", "The Gods Who Light Up the Sky at the Gate of Sethu" e "Tribunal of the Dead" demonstram a permanência dos temas ligados à morte, à magia e ao julgamento.

A faixa "The Inevitable Degradation of Flesh" leva o conceito a uma dimensão quase filosófica. Por mais poderosos que sejam os faraós, deuses ou reis, a carne permanece sujeita à decomposição. O contraste entre a grandiosidade dos monumentos e a fragilidade do corpo humano é uma das forças recorrentes do imaginário egípcio presente na obra do Nile.

É como se a banda utilizasse o Egito Antigo para lembrar que toda forma de poder humano é temporária. Faraós constroem monumentos destinados à eternidade, mas seus corpos

VITROLA DE ORFEU



se deterioram; reis conquistam territórios, mas acabam sepultados; deuses governam o cosmos, mas também podem ser apresentados como sujeitos à destruição.

Em *What Should Not Be Unearthed*, de 2015, o Nile retorna com força ao confronto entre magia, caos e divindades antigas. A música "Negating the Abominable Coils of Apep" retoma diretamente o inimigo de Ra, enquanto "In the Name of Amun" evoca Amon, uma das principais divindades do panteão egípcio.

O título do álbum também se encaixa perfeitamente na intersecção entre arqueologia e horror que define a banda. Desenterrar algo significa retirar do silêncio aquilo que deveria permanecer oculto. No imaginário do Nile, tumbas e ruínas podem esconder conhecimentos proibidos, entidades antigas e forças que não deveriam retornar ao mundo dos vivos.

"Ushabti Reanimator" é outro exemplo. Os ushabtis eram pequenas figuras funerárias colocadas em tumbas para servir ao morto no além. Ao transformar o conceito em "reanimador", o Nile o reconstrói dentro de

uma estética de horror, aproximando o objeto funerário da ideia moderna de cadáveres reanimados.

Em 2019, *Vile Nilotic Rites* demonstra que a banda não precisava mais provar sua identidade egípcia. O próprio título faz referência ao Nilo e a ritos associados à civilização que se desenvolveu às suas margens. Entre as faixas estão "Vile Nilotic Rites", "Seven Horns of War", "That Which Is Forbidden", "Where Is the Wrathful Sky" e "The Imperishable Stars Are Sickened".

O álbum é importante porque apresenta uma abordagem mais abrangente. Em vez de depender constantemente de nomes famosos como Ra, Set ou Anúbis, o Nile trabalha com conceitos de guerra, céu, estrelas, proibição e maldição. O Egito aparece como uma visão de mundo, e não apenas como uma coleção de personagens.

Essa evolução é significativa. Depois de mais de duas décadas, o Nile já havia incorporado a estética egípcia tão profundamente à sua música que poderia explorá-la de maneira mais abstrata. O Egito deixa de ser somen-



te o assunto das letras e passa a determinar a atmosfera, a instrumentação e a própria sensação de monumentalidade da música.

Em 2024, *The Underworld Awaits Us All* reafirma que, para o Nile, o mundo dos mortos continua sendo uma fonte praticamente inesgotável de inspiração. O título já resume uma das grandes obsessões temáticas da banda: a ideia de que ninguém escapa da morte. O submundo não é apenas um lugar distante habitado por faraós e deuses; é o destino inevitável de todos.

"Naqada II: Enter the Golden Age" remete à cultura arqueológica de Naqada II, período fundamental para a formação do Egito pré-dinástico. Essa escolha demonstra, mais uma vez, que a pesquisa do Nile vai além dos nomes mais populares da mitologia. A banda busca períodos e elementos menos conhecidos para construir seu universo.

"The Pentagrammathion of Nephren-Ka", por outro lado, recupera o personagem Nephren-Ka, figura ligada ao universo lovecraftiano, evidenciando novamente a fusão entre

Egito e horror cósmico. Já "True Gods of the Desert" retorna ao ambiente desértico e às forças divinas associadas a esse território.

E então chega a faixa-título, "The Underworld Awaits Us All", uma síntese perfeita de toda a trajetória do grupo. O submundo, a morte e o desconhecido permanecem no centro da obra. O álbum foi lançado em 23 de agosto de 2024 e representa o capítulo mais recente da discografia da banda.

Observar a discografia do Nile em perspectiva permite perceber que a mitologia egípcia não funciona apenas como um tema recorrente. Ela é a espinha dorsal de uma identidade artística construída ao longo de quase três décadas.

Desde o princípio da banda, existe uma continuidade evidente. Os nomes mudam, os personagens se alternam e os conceitos se expandem, mas os grandes temas permanecem os mesmos: morte, transformação, magia, caos, ordem, guerra, vingança e a tentativa de vencer a própria mortalidade.

VITROLA DE ORFEU



Essa característica também ajuda a explicar por que o Nile ocupa uma posição tão particular dentro do Death Metal. Outras bandas podem utilizar temas egípcios em determinadas músicas, capas ou conceitos de álbuns, mas poucas fizeram da civilização do Nilo uma espécie de universo ficcional permanente.

Por meio de sua obra, o Nile construiu sua própria versão desse universo. Trata-se de um Egito em que os faraós são guerreiros, os mortos continuam ativos, os textos mágicos podem ser armas, os deuses são entidades aterrorizantes, as serpentes ameaçam a ordem cósmica e as tumbas escondem conhecimentos que talvez devessem permanecer enterrados.

E talvez seja justamente aí que a união entre Death Metal e mitologia egípcia se torne tão poderosa. A civilização que construiu pirâmides, templos e tumbas monumentais dedicou grande parte de sua cultura à tentativa de compreender e superar a morte. O Death Metal, por sua vez, sempre esteve profundamente ligado à mortalidade, à decomposição, à violência e ao medo do desconhecido

O Nile encontrou, portanto, um ponto de encontro natural entre dois universos aparentemente distantes. De um lado, uma das civilizações mais fascinantes da Antiguidade, obcecada pela eternidade. Do outro, um dos gêneros mais extremos da música contemporânea, obcecado pela destruição. Entre eles está a mesma pergunta que atravessa milênios: o que existe depois da morte?

Para o Nile, a resposta não está em um lugar tranquilo. Está no Duat, entre deuses vingativos, serpentes ancestrais, rituais esquecidos, tumbas profanadas e forças que aguardam, há milhares de anos, para serem despertadas.

O submundo espera por todos. E, ao longo de sua discografia, o Nile fez questão de transformar essa espera em uma obra de dimensões outrora inimagináveis dentro do Metal Extremo.



HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O Draguabi

CONTADOR: Luiz Júnior

Região do país: Sul, particularmente em Santa Catarina

Origem: Brasil.

Dragões são seres fascinantes. Povoam as histórias, lendas e contos de fadas de diversos povos, além de estar em mitologias, como o Dragão de São Jorge ou Tiamat. Nós sempre ouvimos histórias de dragões na Europa e na Ásia. Mas sabia que existem algumas histórias também no Brasil?

Entre eles está o **Draguabi**.

Este personagem é natural da região de Guabiruba, especialmente no bairro do Lageado Alto, em Santa Catarina. O Draguabi, ou Dragão de Guabiruba, é uma história contada desde meados da década de 1980. Segundo o escritor Caio Sales, a região é marcada pelo fornecimento de fibras têxteis para Brusque, além de palmito. Os roubos de palmito aumentaram, e então as primeiras histórias sobre o Draguabi surgiram, aparentemente para espantar os ladrões. Porém, segundo relato, em 1982, o agricultor Pedro Smanioti

teria avistado o Dragão. Segundo o jornal O Município, de 17 de agosto de 1990, o agricultor, ao sair para cuidar da plantação de caetés, ouviu um barulho muito alto na mata. Ao virar a cabeça para tentar entender o que estava acontecendo, viu um gigantesco ser marrom escamoso passar por sobre sua cabeça, batendo as asas e soltando fogo pela boca. O curioso é que sua esposa se lembra perfeitamente de seu marido chegando desesperado em casa e que ele passou o dia todo rezando o terço.

Hoje, o Draguabi é um importante fator para o turismo da região, inclusive nomeando comércios e empreendimentos na cidade.

PARA SABER MAIS:

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Drag%C3%A3o_de_Guabiruba
<https://omunicipio.com.br/noticia/rosemary-glatz-lenda-do-dragao-de-guabiruba/>
https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Drag%C3%A3o_de_Guabiruba



FILME: Carlinhos e Carlão

DIRETOR: Pedro Amorim / **ROTEIRO:** Carolina castro e Célio Porto

POR LUCIANA MANDU

Os filmes nacionais tendem a ser pré-julgados antes mesmo de seus lançamentos. No entanto, assim como Bollywood, na Índia, cresce com seus filmes coloridos e repletos de música, o cinema brasileiro encontra no humor e na conscientização por meio de boas histórias um lugar especial.

Sou muito fã de filmes brasileiros como Reflexões de um Liquidificador (2010), As Boas Maneiras (2017), Fervo (2023), Bacurau (2019) e O Homem que Copiava (2003), entre tantos outros, além de clássicos como Cidade de Deus (2002), Central do Brasil (1998), Ainda Estou Aqui (2024), O Pagador de Promessas (1962) e O Auto da Compadecida (2000), que possui uma versão de 1987 com Os Trapalhões, a qual super recomendo. Mas não há gênero cinematográfico que conquiste mais o público brasileiro em uma produção nacional do que a comédia.

Em busca de algo leve e divertido, encontrei no streaming o filme



FOTO: DIVULGAÇÃO

Carlinhos e Carlão (2019) e convenci meu amigo Víctor a assisti-lo também. Agradeço a ele pelos pitacos.

Nosso protagonista, Carlão (Luís Lobianco), é o estereótipo do homem "macho com H maiúsculo": vendedor de carros em uma concessionária, apaixonado por futebol, cerveja no boteco, palavrões e frases homofóbicas enraizadas desde a infância. Vive sozinho em um apartamento desorganizado e, aos domingos, assiste ao futebol durante o almoço com a famí-



lia (pais, irmão, cunhada e sobrinhos). Logo na cena de abertura do filme, podemos perceber de onde surge tanto preconceito e compreender como o personagem se tornou alguém tão fechado.

É a partir da perda de uma promoção no trabalho — não por falta de competência, mas pelo uso de um linguajar inadequado e por enfrentar situações que rompem sua visão de mundo, como descobrir que seu novo chefe gosta de futebol e é gay, ou ouvir seu sobrinho falar abertamente sobre identidade de gênero durante o almoço em família — que começamos a notar o conflito internalizado de Carlão vir à tona.

Mas, claro, não poderia faltar uma referência à expressão "sair do armário". A frase surgiu de uma tradução literal da expressão estadunidense *come out of the closet*, que possivelmente teve origem na combinação de duas expressões inglesas: *come out* ("revelar-se"), utilizada originalmente nos bailes de debutantes, e *skeletons in the closet* ("esqueletos no armário"), referência a segredos que devem permanecer escondidos.

Para os mais atentos, é possível notar que o armário de Carlão vai se desfazendo aos poucos, até se tornar inutilizável. Assim, o protagonista precisa comprar um novo. E qual brasileiro nunca comprou um móvel usado em uma daquelas lojas escuras de esquina?

Carlão escolhe um armário, mas recebe outro. Ao chegar em casa, percebe um rastro de purpurina e lantejoulas que o conduz até seu novo guarda-roupa. Lá, é surpreendido por uma "fada" *drag queen*, interpretada por Luís Miranda.

Drag queen é uma arte performática em que uma pessoa — independentemente de seu gênero — utiliza roupas, maquiagem e penteados exuberantes para representar uma personagem feminina com fins artísticos e de entretenimento. A palavra *drag*, derivada do verbo inglês *to drag* ("arrastar"), faz referência às longas saias utilizadas por atores que interpretavam papéis femininos em uma época em que as mulheres eram proibidas de atuar, como acontecia, por exemplo, nas peças de Shakespeare. Há também quem acredite que *drag* seja um acrônimo de *Dressed*



Resembling A Girl ou *Dressed As A Girl* ("vestido como uma garota"). O termo queen ("rainha") foi incorporado entre as décadas de 1950 e 1960 pela comunidade gay norte-americana.

A fada, que na verdade é o vendedor da loja de armários travestido, conduz Carlão para dentro do armário com um simples sopro. Ao atravessá-lo, ele percorre um mar de purpurina violeta e das cores da bandeira LGBTQIA+ original de 1978. Vale lembrar que, embora muita gente não perceba, ela não representa exatamente um arco-íris: enquanto o arco-íris possui sete cores, a bandeira atual possui seis, cada uma com um significado específico — vermelho: vida; laranja: cura; amarelo: luz do sol; verde: natureza; azul: harmonia (ou arte, em algumas interpretações); e violeta: espírito.

Carlão desperta na manhã seguinte vestido com roupas customizadas e diversos acessórios, sem compreender o que aconteceu.

Então, em sua própria versão de *O Médico e o Monstro*, obra de Robert Louis Stevenson cujo tema central é a dualidade e o conflito entre lados

opostos de uma mesma pessoa, descobrimos que, quando a noite chega, Carlão se transforma em Carlinhos, seu alter ego: um homem gay, afeminado e extremamente talentoso.

Diferentemente da obra original, em que acompanhamos a dualidade entre o bem e o mal, aqui assistimos a um processo de autoconhecimento e aceitação. O preconceito reprimiu parte da identidade de Carlão desde a infância, principalmente pela não aceitação do pai, figura fundamental em seu desenvolvimento, até culminar na violência que mata.

Em resumo, ambas as histórias tratam da luta interna entre aquilo que reprimimos e aquilo que realmente somos.

Somos agraciados por uma montagem (recurso utilizado pela indústria cinematográfica para acelerar a narrativa, com função estética e de entretenimento, ilustrando a transformação de Carlão em Carlinhos e a construção de sua identidade), ao som de Gretchen com "*Freak Le Boom Boom*". (Curiosidade: foi com essa música que Gretchen popularizou a



palavra "bumbum".)

Como em todo filme que apresenta um item mágico, nosso protagonista tenta reencontrar o lugar onde adquiriu o armário, o chamado "lugar de passagem" (que existe apenas para cumprir seu propósito, evitando que o personagem se assuste com o item mágico). No entanto, o local já não está mais lá. Na esquina onde antes funcionava a loja de armários, encontra apenas uma sapataria, curiosamente administrada pelo mesmo homem que lhe vendeu o guarda-roupa. Trata-se de uma cena clássica dos filmes que utilizam objetos mágicos, como em *Quero Ser Grande* (Big), no qual o parque de diversões desaparece levando consigo a máquina mágica, permanecendo ausente até que o personagem aprenda a lição que precisa aprender.

Então chegamos ao grande confronto da trama. A concessionária onde Carlão trabalha realizará um evento noturno, mas como comparecer sem que todos percebam o que está acontecendo? Carlinhos se apresenta no lugar de Carlão e tem um desempenho impecável. No dia seguinte, Carlão torna-se um dos indicados à

promoção. Porém, como acontece nos dias atuais, tudo viraliza rapidamente, e sua apresentação chega justamente às pessoas que ele vinha tentando evitar.

Convencido de que toda a culpa é do armário, Carlão tenta destruí-lo de todas as formas: entra nele, atea fogo, quebra suas portas e o desmonta completamente. No entanto, o móvel sempre ressurge intacto em seu quarto. Afinal, como todo item mágico, o armário sabe que seu dono ainda não aprendeu a lição que precisa aprender.

Aqui podemos recorrer à figura de Dionísio (Baco), deus grego do vinho, do êxtase e da festa. Filho de Zeus com a mortal Sêmele, nasceu duas vezes: primeiro do ventre da mãe e, após sua morte, da coxa do próprio pai. De aparência andrógina, cabelos longos, pele macia e trajes fluidos, sua ambiguidade atraía aqueles que viviam à margem da sociedade: mulheres, escravizados, estrangeiros e todos os que eram excluídos da ordem social.

Dionísio amou profundamente o jovem Ampelos, um sátiro por quem



experimentou desejo e luto. Após sua morte, transformou-o na primeira videira, em um dos raros mitos homoeróticos da Grécia Antiga em que o amor entre dois homens é celebrado, e não punido.

A mensagem de Dionísio sempre foi radical: o corpo é múltiplo e a identidade é fluida. Quem nega esse chamado acaba destruído, como acontece no mito Penteu e as Bacantes. Na tragédia de Eurípides, Penteu, primo de Dionísio e rei de Tebas, proíbe o culto ao deus e o prende para puni-lo. Em resposta, Dionísio o enlouquece e o convence a vestir-se de mulher para espionar as bacantes. Tomado pelo delírio coletivo, Penteu é confundido com um leão e despedaçado pelas próprias seguidoras do deus, entre elas sua própria mãe, que carrega sua cabeça como um troféu até recuperar a razão. A tragédia deixa claro que quem reprime a própria natureza não encontra perdão diante de Dionísio.

Carlinhos e Carlão traz consigo essa essência dionisíaca. Dionísio acolhia os marginalizados, e Carlinhos encontra esse mesmo acolhimento entre os personagens LGBTQIA+. A

não aceitação e a repressão de uma parte de si geram sofrimento e violência. Ao aprender a coexistir com Carlinhos — ainda que esse processo seja doloroso —, Carlão incorpora o ensinamento central de Dionísio: a verdadeira loucura é acreditar que podemos ser apenas uma única versão de nós mesmos.

Nesse sentido, Dionísio permanece como um dos grandes arquétipos da cultura LGBTQIA+ contemporânea. É o deus do entre-lugar, onde a identidade é um rio, e não uma rocha.

Ao final, as duas personas se unem para enfrentar a homofobia, que continua crescendo, mesmo em tempos de tanto acesso à informação. Após sofrer um ato homofóbico cometido pelo próprio amigo, Carlão finalmente presencia uma mudança no pai que, no hospital, compreende — ainda que em uma cena breve demais para transmitir toda a dimensão de seu arrependimento — que ama o filho independentemente de quem ele seja.

Quanto ao amigo homofóbico, talvez merecesse um desfecho diferente, que reforçasse ao público uma



mensagem importante: homofobia é crime, seja ela verbal, física ou psicológica.

Com a promessa de boas risadas, o espectador termina o filme profundamente apegado ao protagonista, sempre curioso para descobrir o que acontecerá a seguir — e talvez até desejando encontrar um armário mágico e uma fada madrinha drag queen.

Mas, acima de tudo, de forma leve e descontraída, o filme nos apresenta a realidade de muitas pessoas que enfrentam o preconceito dentro da própria casa, muitas vezes desde a infância, além da luta pelos direitos da população LGBTQIA+ e do enfrentamento cotidiano à homofobia.

PARA SABER MAIS:

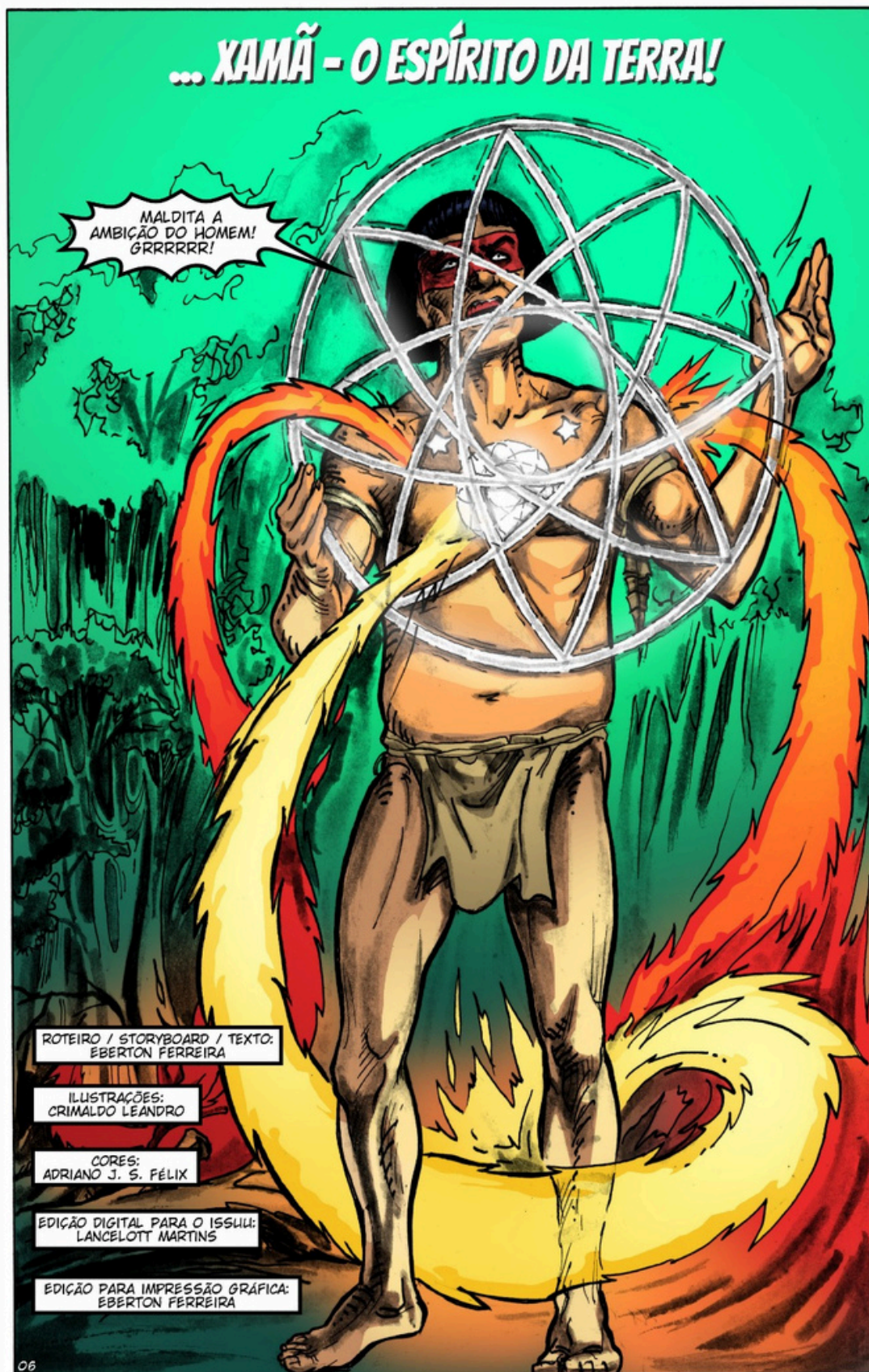
- BIANCHIN, Victor. Não, Shakespeare não inventou a palavra “drag”. Então, quem foi? Superinteressante, São Paulo, 28 jun. 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Drag%C3%A3o_d_e_Guabiruba <https://omunicipio.com.br/noticia/rosemariglatz-lenda-do-dragao-de-guabiruba/> https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Drag%C3%A3o_de_Guabiruba. Acesso em: 16/07/2026.
- LESSA, Glauco. Como surgiu a expressão “sair do armário”? Superinteressante, São Paulo, 9 out. 2018. Atualizado em 2 jul. 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Drag%C3%A3o_d_e_Guabiruba <https://omunicipio.com.br/noticia/rosemariglatz-lenda-do-dragao-de-guabiruba/> https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Drag%C3%A3o_de_Guabiruba. Acesso em: 16/07/2026.

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE

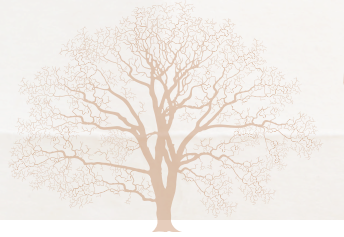




A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE





EBERTON FERREIRA



EBERTON FERREIRA é designer gráfico, editor e quadrinista independente, nascido na cidade de São Gonçalo - RJ. Desde criança já criava suas próprias histórias, mas foi em 2015 que lançou no mercado a primeira revista impressa através de um selo próprio, e de lá para cá, não parou mais de produzir. Diversificando gêneros desde o infantil, super-heróis, aventura, suspense e terror, o artista se especializou em contos sobre o folclore brasileiro e lendas urbanas e em 2017 foi premiado pela ABRAHQ (Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos) como melhor roteirista pela série Causos. O Estúdio Ton, bem como o coletivo QG, surgiram por iniciativa do autor papa goiaba, respectivamente, para representar os seus quadrinhos e para fomentar as HQ's produzidas por artistas da sua cidade natal, mesmo local onde nasceu, cresceu e ainda reside.

SOBRE O ESTÚDIO SELO EDITORIAL

O Estúdio Ton oferece serviços de designer em geral, criação de personagens, desenvolvimento de roteiros, animação, dublagens, edição de vídeos, edição de áudios, elaboração de artes para social mídia, motion designer, Ilustração, capas para livros, desenvolvimento de quadrinhos, coloração digital e consultorias de arte para empresas, além de agregar valores culturais através dos quadrinhos incentivando o colecionismo e participando da formação de novos leitores.

INSTAGRAM: @EBERTON_TON

SITE: [HTTPS://WWW.ESTUDIOTON.COM.BR/](https://www.estudioton.com.br/)



RESENHA: XAMÃ - VOLUME 0 AO 5

POR LARISSA DIAS

Durante o lançamento da minha HQ Xamãs: Guerreiros da Terra, descobri que havia outro autor que trabalhou o tema do xamanismo bem antes de mim: Eberton Ferreira, do Estúdio Ton. Ao encontrá-lo em uma feira literária em Minas Gerais, tive a oportunidade de convidá-lo para apresentar sua HQ na Mitologia Aberta.

Abordar temas como o xamanismo e os mitos nativos do Brasil em uma HQ é um trabalho no mínimo corajoso, uma vez que os quadrinhos da Marvel normalmente nos fazem esquecer que temos um herói nacional, como é o caso do Xamã. Receptáculo de um poder universal, um humano capaz de emprestar seu corpo aos espíritos da floresta, esse herói sofre com as armadilhas humanas mais básicas: mesmo tendo uma missão grandiosa, ele tenta recusá-la várias e várias vezes, entregando-se ao vício do álcool para esquecer sua condição sobrenatural.

"... quando há sinal de perigo à mãe natureza, os seus serviços são requisitados e os espíritos da Terra usam o seu corpo para transformá-lo em criaturas míticas que fazem de tudo para defender a fauna e a flora da Amazônia."

O fato de um xamã emprestar seu corpo para as entidades é algo que realmente ocorre no xamanismo, não só no Brasil, mas em todo o mundo. O xamã participa de um treinamento exaustivo que dura anos e é capaz de consumi-lo por completo, se não for bem executado. Ao final desse processo, ele precisa "morrer" como humano para renascer como xamã. Essas pessoas são dotadas de habilidades natas, que lhes conferem uma missão de vida e dons exclusivos para essa função. Normalmente, elas costumam querer recusar esse chamado por envolver provas muito difíceis, mas tão grande quanto a vontade de recusá-lo, é a honra de ser o xamã de sua aldeia. Além disso, normalmente essa "escolha" não existe, pois, mais cedo ou mais tarde, os espíritos os chamam.

A NONA ÁRVORE



O **volume 0**, ou seja, a primeira HQ da coletânea, foi lançado em 2015 e traz a história do surgimento do Xamã. Em 2016 foi lançado o **volume 1**, que apresenta mitos como os da lara, do Boitatá e do Lobisomem.

"Esta edição dá início a uma saga na busca pelo conhecimento sobre o passado misterioso 'daquele que caminha entre os dois mundos' e da sua própria jornada introspectiva."

O **volume 2**, lançado em 2018, aborda de forma muito interessante o mito do Saci-Pererê e, inclusive, justifica o motivo de ele ter apenas uma perna. Não sei se houve uma pesquisa específica para a escrita deste roteiro, mas é fato que essa interpretação apresenta um conhecimento popular muito interessante sobre o personagem, segundo o qual ele inicialmente não possuía apenas uma perna e adquiriu o clássico gorro vermelho posteriormente.

"Esta edição dá seguimento à jornada de autoconhecimento do indígena desmemoriado. O herói será testado ao extremo, enfrentando uma criatura que possui forte ligação com as incógnitas da sua vida anterior à de guardião da Natureza. É preciso derrotá-lo, mesmo sabendo que isso poderá acar-

retar na perda dessas valiosas informações."

O **volume 3**, lançado em 2020, apresenta histórias como as do Corpo-Seco e outras, porém o tema principal apresenta uma reflexão interessante: como a mídia pode influenciar a opinião pública a ponto de definir se o Xamã é um herói ou um inimigo?

"Xamã se vê diante de dois extremos, ora é venerado como herói, mas em outro momento é considerado inimigo público por causa de manipulações articuladas por seu maior inimigo, o Saci."

O **volume 4**, lançado em 2022, traz a batalha do bem contra o mal. Desacreditado, o Xamã é banido por seu próprio povo, que lhe retira os poderes, deixando-o indefeso na luta contra o mal. Porém, uma jornalista rebelde torna-se sua amiga fiel após ser protegida por ele e busca ajudá-lo a todo custo, com os "poderes" que possui, mesmo enquanto o maior inimigo do nosso herói liberta um terrível mal no mundo.

"... o protagonista está desprovido de poderes e sendo subjugado, após ter sido envolto numa teia de intrigas

A NONA ÁRVORE



articuladas por seu maior inimigo, o Saci. Xamã é levado ao tribunal dos homens para responder por atos cometidos de forma inconsciente quando embebido por magia, ao mesmo tempo que acontecimentos paralelos poderão determinar não somente o seu destino, mas também o de toda a humanidade."

O **volume 5**, lançado em 2024, fala sobre o Boitatá, os espíritos benéficos e sua luta contra o mal no mundo. O protagonista começa a se recordar de sua condição e do motivo de ter se tornado "O Xamã".

"... porém desta vez todo o seu passado começa a ser revelado através da sua introspecção."

Este quadrinho também traz uma forte mensagem sobre a necessidade de desenvolvermos uma consciência ambiental mais elaborada, a ponto de refletirmos sobre os impactos que as atividades ilegais na Amazônia têm causado à destruição do nosso bioma. Além disso, aborda um ponto de vista prático e interessante sobre a preservação do meio ambiente, dialogando principalmente com as futuras gerações.

De modo geral, esta é uma HQ que não pretende esgotar todos os significados míticos do folclore nacional, mas sim popularizar esses conceitos por meio de um herói genuinamente brasileiro, com semelhanças tão grandes com qualquer um de nós em suas qualidades e defeitos. Ela celebra a pluralidade e a diversidade presentes no Brasil e nos convida a caminhar por uma trilha de mistérios, na qual cada um de nós pode se identificar, mais cedo ou mais tarde, com o Xamã.

Viva o quadrinho nacional e autores como Ton, que são capazes de, mesmo diante de tantas dificuldades impostas pelo mercado brasileiro de quadrinhos, divulgar e valorizar a cultura nacional por meio de sua arte!

ACADEMIA DE QUÍRON



**cursos,
palestras,
eventos...**

**AGO_SET_OUT
2026**

**ORÁCULOS E
MISTÉRIOS**

Com Luiz Junior

**Todas as Quartas às 19h30
na Vibe Mundial FM 95,7**

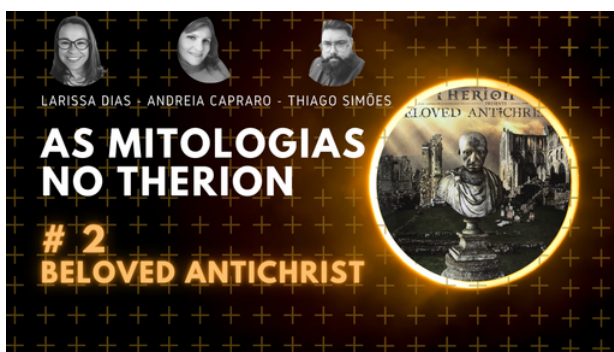


ACADEMIA DE QUÍRON

2026



Assistam nossa série especial no Youtube da Mitologia Aberta:
AS MITOLOGIAS DO THERION!



ACADEMIA DE QUÍRON

AGO_2026



28 a 30 de agosto de 2026

Retiro de Arteterapia na Escola Sagrada Chão de Estrelas - Extrema/MG

OS DEUSES NA PALMA DA MÃO

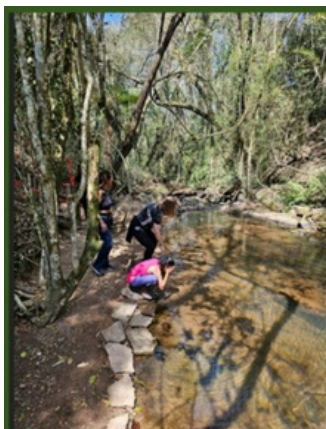
Arteterapia, Quirologia e Mito Pessoal



Com Patrícia Pinna Bernardo
e Eliane Camargo

“Não esqueçamos que os nossos dedos são os dígitos de Deus e que através das nossas mãos teremos de modelar o mundo futuro, que apenas depende de nós.”
(Maria Eugenia Llorens)

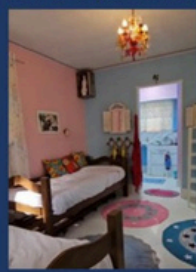
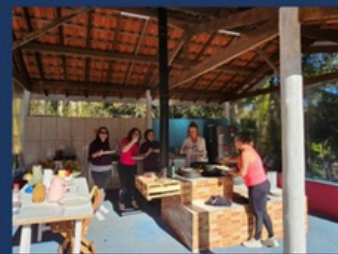
Informações e inscrições: (11) 99136-4430



Além das atividades em Arteterapia, que acontecerão nos nossos ateliês, os participantes vivenciarão Banhos de Floresta (Shinrin-Yoku), que têm efeitos positivos na nossa saúde mental e física, reduzindo os níveis de estresse e ansiedade, o que foi comprovado através de pesquisas no Japão e recentemente no Brasil. Também teremos Yoga e meditação na mata e no rio.



A alimentação é vegana e feita em fogão a lenha. A estadia é em alojamento conjunto, em quartos para 2 a 3 pessoas. A Escola Sagrada Chão de Estrelas fica em Extrema, Sul de Minas Gerais, num espaço na natureza com rio, muito verde, flores, horta e mata atlântica nativa.



AGO_SET_2026



Curso Vivencial e teórico (Zoom)

Quirologia, Mitologia e Arteterapia

4ª feiras, quinzenalmente, 19 às 21h30 datas: 19 ago, 2, 16 e 30 set



Quirologia, Mitologia e Arteterapia dando as mãos:

- As linhas das mãos, as tecelãs do destino e história de vida
- Digitais, unhas e dedos: traços da personalidade e estilos de ser
- Os montes: a morada dos deuses na palma da mão
- Formato, estrutura e textura de pele: o temperamento das mãos de Terra, de Água, de Fogo e de Ar

Com Patrícia Pinna Bernardo e Eliane Camargo

Informações e inscrições: (11) 99136-4430



Patrícia Pinna Bernardo

Psicóloga (USP), arte-educadora (FAAP), arteterapeuta, Mestre em Psicologia Clínica (PUC), Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP), Pós-doutora em Arteterapia e Mitologia Criativa (USP). Coordenadora da Pós-graduação em Arteterapia de Abordagem Junguiana em Nazaré-Uniluz, e da Pós-Graduação em Mitologia, Mitodrama e Psicologia Junguiana (Zoom síncrono). Proprietária e coordenadora da Escola Sagrada Chão de Estrelas – Arteterapia, espaço que fica em Extrema/MG, onde acontecem retiros e workshops em Arteterapia, Ecoarteterapia e Mitologia Criativa.

Eliane Camargo

Apaixonada por autoconhecimento. Conhecer-se é desbravar o mundo!

Formada em Administração de Empresas pela PUC/SP e pós graduada em Gestão Educacional pela PUC/Campinas e em Psicologia Transpessoal pela FACIS.

Há 30 anos atuando com Autoconhecimento e Desenvolvimento Humano com indivíduos e corporações / coletivos, usando ferramentas como: Mapa Quirológico (leitura e análise das mãos), Psicoterapia com Desenho e Análise de Mandalas, Alinhamento Energético com Cristais para pessoas, animais e ambientes, Acompanhamento Terapêutico, Consultoria e Assessoria em Desenvolvimento Humano.





Curso teórico-vivencial (Zoom) MITOLOGIA EGÍPCIA E ARTETERAPIA

4ª f, quinzenalmente, 19 às 21h30
datas: 12 e 26 ago, 9 e 23 set

- Ísis, Osíris e Hórus.
- Morte, transformação e transcendência
- Ísis e a alquimia
- Cosmogonias e divindades



Com Patrícia Pinna Bernardo e Larissa Dias

Informações e inscrições: (11) 99136-4430

ACADEMIA DE QUÍRON

AGO_SET_OUT
2026



PÁGINA DA CAMPANHA NO CATARSE:

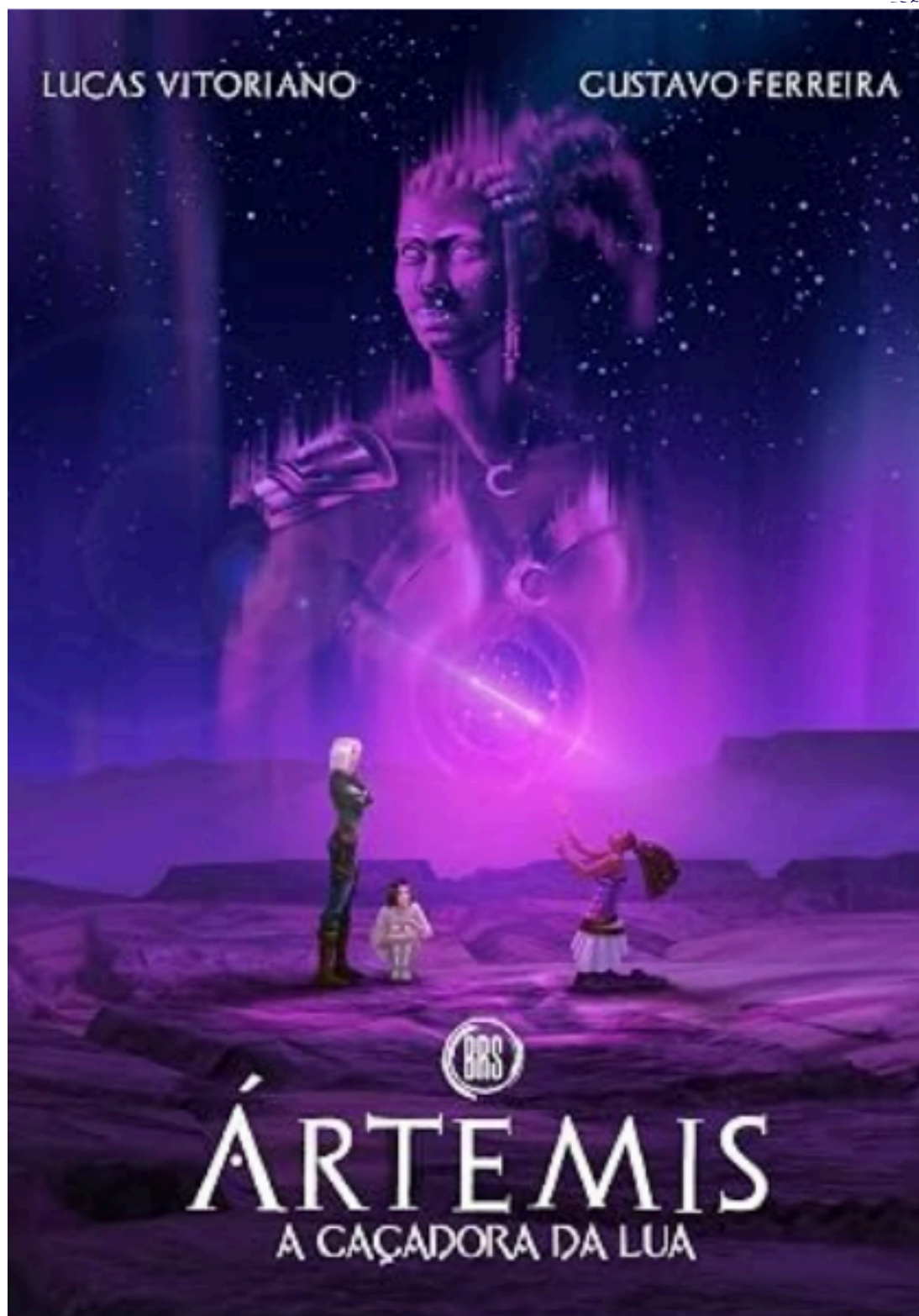
[HTTPS://WWW.CATARSE.COM.BR/PAPOAMARELO?](https://www.catarse.com.br/papoamarelo?REF=CTRSE_PROJECT_SHARE&UTM_CAMPAGN=CTRSE_PROJECT_PAGE&UTM_MEDIUM=COPY_LINK&UTM_SOURCE=CREATOR)

[REF=CTRSE_PROJECT_SHARE&UTM_CAMPAGN=CTRSE_PROJECT_PAGE&](https://www.catarse.com.br/papoamarelo?REF=CTRSE_PROJECT_SHARE&UTM_CAMPAGN=CTRSE_PROJECT_PAGE&UTM_MEDIUM=COPY_LINK&UTM_SOURCE=CREATOR)

[UTM_MEDIUM=COPY_LINK&UTM_SOURCE=CREATOR](https://www.catarse.com.br/papoamarelo?REF=CTRSE_PROJECT_SHARE&UTM_CAMPAGN=CTRSE_PROJECT_PAGE&UTM_MEDIUM=COPY_LINK&UTM_SOURCE=CREATOR)

ACADEMIA DE QUÍRON

AGO_2026





ÁRTEMIS - Sinopse

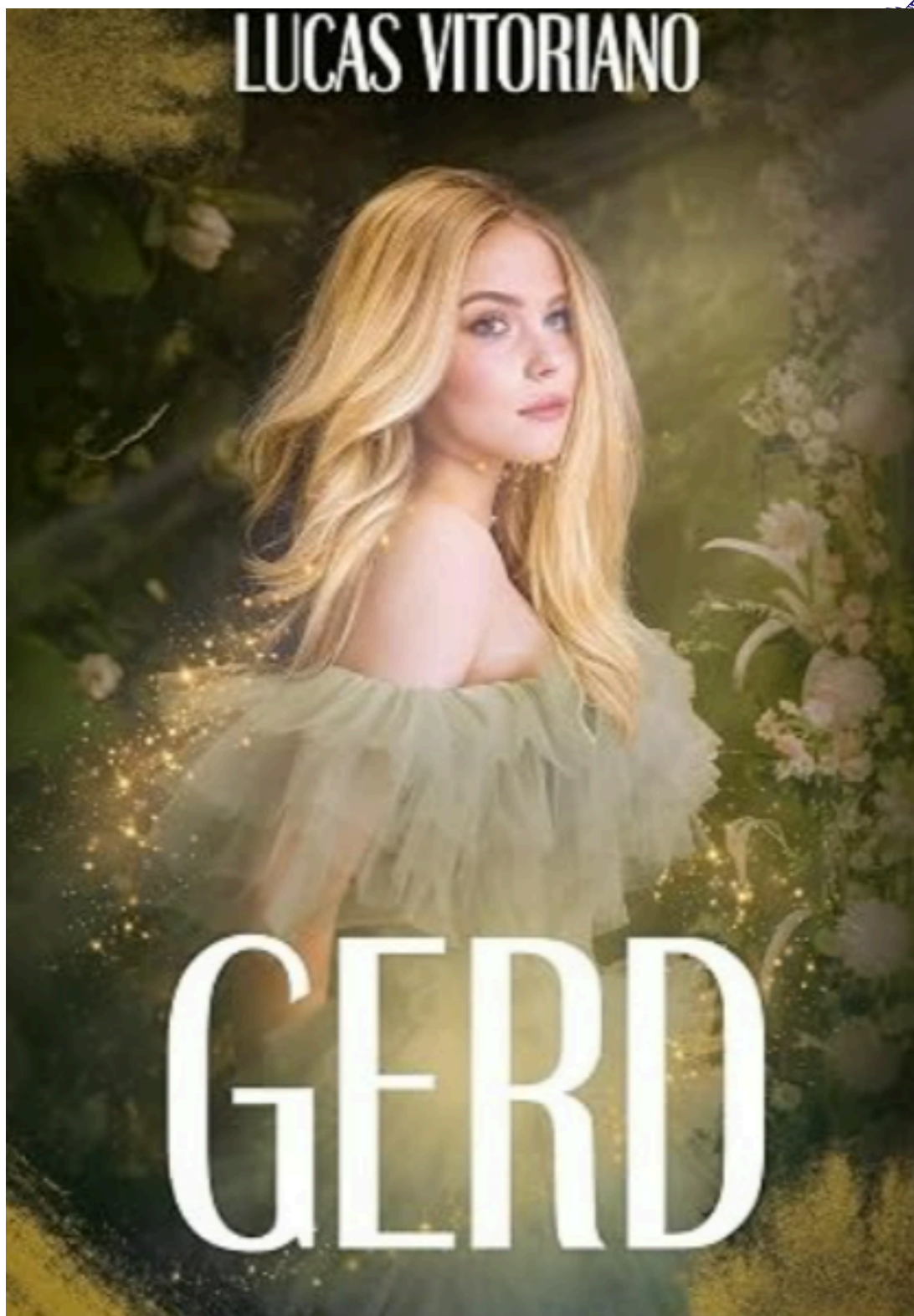
Selena é convocada para uma nova caçada.

Um artefato foi roubado de Elvilmariand, o lendário Reino dos Elfos, desencadeando uma ameaça que pode mergulhar o mundo no caos. Em todas as Nações Místicas, uma verdade ecoa: Se algo precisa ser encontrado - seja uma pessoa, uma criatura ou um objeto - ninguém supera uma Caçadora da Lua. E entre todas elas, Selena é a mais implacável. A jornada de Selena para encontrar o Espherlilim a levará a lugares que ela nunca imaginou e a confrontar segredos que estavam ocultos até mesmo para ela. Enquanto a caçada se desenrola, a líder reservada e disciplinada começa a questionar não apenas seu passado, mas também sua identidade. O que significa ser uma Caçadora da Lua? E o que significa ser Selena além do título que ela carrega?

Disponível em formato digital na amazon e em formato físico pelo perfil do instagram Unibrs.

ACADEMIA DE QUÍRON

AGO_2026





GERD - Sinopse

A mitologia nórdica é vasta, com mitos antigos que trazem em seus cernes valiosas lições.

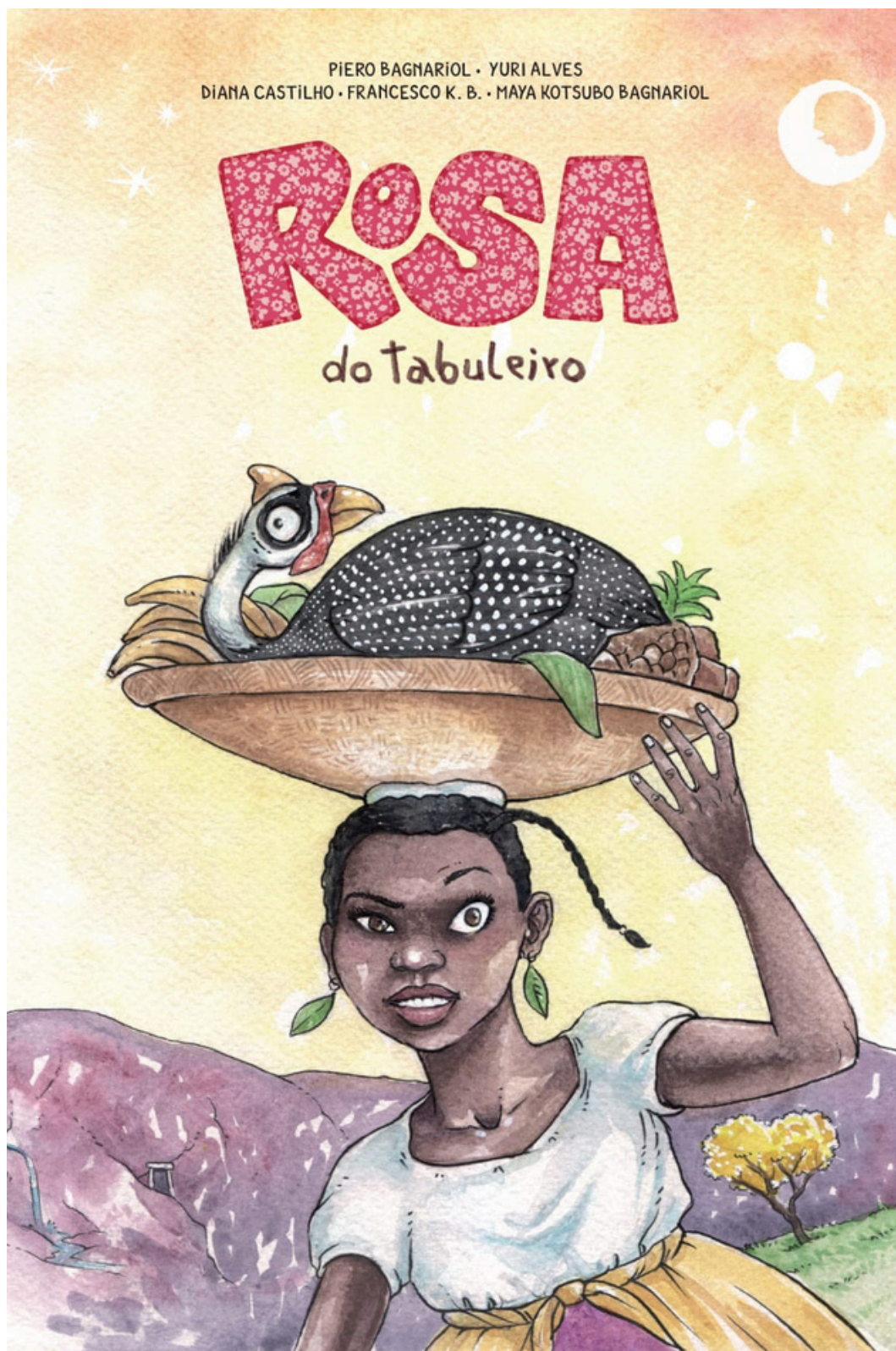
Neste conto temos uma releitura do mito de Gerd e Frey. Ela, uma gigante inteligente, poderosa e respeitada, ele, um deus explorador, da fertilidade e da paz, mas também um guerreiro valoroso. Gigantes e deuses, duas raças eternamente inimigas, destinadas a se enfrentarem na batalha final, o Ragnarok, um confronto tão catastrófico que irá decidir o destino dos nove mundos.

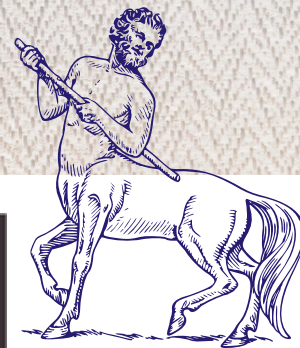
Nessa nova versão do mito, sob o olhar de Lucas Vitoriano, a história carregara ares mais dramáticos e reflexões acerca do destino, inevitável até mesmo para seres tão grandiosos quanto deuses e gigantes. Aqui teremos uma narrativa mais aprofundada do que no mito, contando inclusive com personagens originais.

Disponível para compra na Amazon:
<https://acesse.one/xbhhpqi>



AGO 2026





AGO 2026

HQ Rosa do Tabuleiro



Piero Bagnariol (roteiro e arte final), Yuri Alves (desenho - cenários), Diana Castilho (pesquisa), Francesco K. B. (ilustrações) e Maya Kotsubo Bagnariol (diaramação)

Na Minas Gerais do século XVIII, onde o ouro escorre pelas veias da terra e a liberdade é um sonho distante, Rosa — uma jovem escravizada — carregava nas mãos mais que um tabuleiro de quitandas: carregava a chave de sua alforria. Rosa o Tabuleiro é um retrato visceral da resistência negra e feminina em um Brasil colonial marcado pela crueldade patriarcal da escravidão. Rosa enfrenta a proibição do comércio ambulante, decretada para controlar o fluxo de ouro e sufocar a autonomia das “negras de tabuleiro”. Essas mulheres, muitas ex-escravas como sua patroa Sinhá, desafiavam as leis ao vender alimentos, tecer redes de solidariedade e, às vezes, esconder riquezas. A jornada de Rosa se entrelaça com mitos africanos — como o Saci, reinterpretado aqui como Nzondo, entidade de um olho só — e a sabedoria e tradição dos anciãos.

A narrativa se desdobra em três finais possíveis, todos com uma pitada generosa de humor.

Esta história em quadrinhos inspirada em pesquisas históricas, combina suspense e realismo mágico para explorar dilemas éticos e o papel extremamente relevante das mulheres negras da época, em busca de sua liberdade, mulheres que dominaram o comércio, e praticaram suas tradições trazidas da África manifestadas na música, na religião e nas festas.



SET 2026

EDITORA AMARATH
APRESENTA
LARISSA DIAS
ILUSTRAÇÕES DE RENATO DE ASSIS

DEUSAS DA TERRA
Mitologia das Deusas Ancestrais



Larissa Dias

LANÇAMENTO HOJE!
13/09 - 15h - 18h
Martins Fontes



AMARATH



SET 2026

Livro Deusas da Terra

<https://amarath.com.br/loja/>

Larissa Dias - Mitóloga, Socióloga, Psicoterapeuta e Orientadora Vocacional

Na antiguidade, a Terra era reverenciada como uma Grande Mãe. Fonte de vida, fertilidade, abundância e renovação, ela se manifestava através de poderosas deusas que governavam os ciclos da natureza, o nascimento, a morte e o mistério da transformação.

Em Deusas da Terra, o leitor é convidado a percorrer uma fascinante jornada pela mitologia comparada, explorando as origens do arquétipo da Deusa, seus registros arqueológicos, seus símbolos ancestrais e sua presença na imaginação humana ao longo dos milênios.

Das antigas tradições da Mesopotâmia, Egito, Grécia, Índia e China às culturas eslavas, celtas, nórdicas, japonesas, africanas, pré-colombianas, norte-americanas e indígenas brasileiras, esta obra revela as múltiplas faces do sagrado feminino ligado à Terra, à criação, à fertilidade e à sabedoria ancestral.

Mais do que um estudo mitológico, esta obra é um convite para redescobrir a profunda conexão entre humanidade e natureza, explorando mitos, símbolos, árvores da vida, animais sagrados e histórias que atravessaram milênios. Uma viagem cultural, espiritual e ecológica ao encontro das divindades que, desde o início dos tempos, inspiram respeito, medo, encantamento e reverência pela vida.



SET 2026

EDITORA AMARATH

APRESENTA



MARCOS MIYASHIRO FERREIRA-SANTOS

LANÇAMENTO

marcos miyashiro ferreira-santos

**koe'ti
mitopoéticas:
a criança divina**
antologia poética 50 anos

fotografias de edward zvingila
edição bilingue



RELANÇAMENTO

marcos ferreira-santos

**uruan e
a árvore**

ilustrações camila martins
coordenação lúcia oliveira



LANÇAMENTO HOJE!
13/09 - 15h - 18h
Martins Fontes



SET 2026

Livro koe'ti: a criança divina

<https://amarath.com.br/loja/>

Marcos Ferreira-Santos - Negríndio, jardineiro, artesão, folclorista e professor aposentado de mitologia (USP).

Koe'ti Mitopoéticas é uma travessia poética pelas cordilheiras do imaginário humano, onde mitos ancestrais, paisagens amazônicas e andinas, deuses, deusas, rios, montanhas e estrelas se entrelaçam em uma única tessitura de palavras.

Habitando o território fértil entre a poesia e o mito, Marcos Miyashiro Ferreira-Santos constrói um canto plural que atravessa línguas, culturas e cosmologias. Em seus versos convivem o português, o espanhol, o quechua e ecos de outras tradições, compondo uma geografia sagrada na qual Pachamama, Ñandecy, Mama Killa, Ísis, Ishtar e tantas outras presenças arquetípicas dialogam com as inquietações do mundo contemporâneo.

Entre auroras e crepúsculos — o tempo de koe'ti, a criança divina da cosmovisão guarani — os poemas percorrem temas como amor, exílio, memória, ancestralidade, espiritualidade, perda, esperança e pertencimento. Cada texto torna-se uma ponte entre o visível e o invisível, entre a experiência íntima e a dimensão coletiva da existência.<https://amarath.com.br/loja/>

Mais do que um livro de poemas, *Koe'ti Mitopoéticas* é uma jornada iniciática pela força criadora da linguagem, um convite para redescobrir a presença do sagrado na natureza, nos afetos e nos mitos que continuam a habitar a alma humana. Uma obra que celebra a diversidade dos povos, a riqueza das culturas latino-americanas e o poder da poesia de religar o ser humano ao cosmos.



<https://www.cabureiwa.com.br/>



ACADEMIA DE QUÍRON

2026



Instagram: [@narinha_raposa](https://www.instagram.com/narinha_raposa)



ENCOMENDAS DE DRAGÕES
PERSONALIZADOS



CONECXAÇÃO COM
GUARDIÕES
ELEMENTAIS

(11) 974702736
NARA



Atendimentos

- Consulta de cartas ou runas
- Reiki Egípcio (com leitura de aura)
- Regressão de vidas passadas
- Encerramento contratos espirituais
- Sagrado feminino (Limpeza de útero)
- Resgate de Alma
- Conexão com os animais de poder
- Acesso de contratos de missões espirituais.
- Medicina do rapé (presencial)
- Encaminhamento de não nascidos
- Consulta de Dragão guardião e demais orientação elemental



NARINHA_RAPOSA



ACADEMIA DE QUÍRON



PEDRAS MÁGICAS - By Nara

Velas Cristal de Poder - Encomendas via Instagram

Instagram: [@narinha raposa](#)

O que são velas de cristal de poder? são ferramentas xamânicas que atuam como portais que aumentam a sincronia da sua essência ou energia missionária, aumentando seu dom, intuição, amor, cura, paz de espírito e necessidades particulares....

Cada Xamã atua com ferramentas diferenciadas de acordo com sua missão, aqui disponibilizo essa facilidade para aqueles que querem acessar os portais de Atlântida de forma facilitada, pois o xamã é único o que abre os portais e mostra o caminho !Não é uma vela comum, pois existem iniciações xamânicas para ativar os portais na vela, ou seja nenhuma cópia de vela cristal terá o mesmo efeito sem iniciações necessárias!

Cada vela contém ervas maceradas e cristais sortidos.

Vou colocar exemplo de velas que podem ser encomendadas para meditação ou ritualísticas simples, podendo ser pedido outras energias de acordo com sua necessidade:

- Vela Hécate
- Sagrado feminino
- Vela Deuses Nórdicos Sagrado Masculino
- Vela Sereias
- Vela Xamânica



@caminhonordico



Caminho Nórdico

Aulas e cursos sobre Teologia Nórdica

O Projeto Cultural Caminho Nórdico, fundado em 2016, promove aulas, cursos e atividades culturais voltadas para a preservação e prática do Forn Siðr, a fé nórdica ancestral.



Atividades realizadas mensalmente, ao vivo, via Skype, com material didático e áudio gravado para estudo.

Inscrições e informações de datas e horário no Instagram [@caminhonordico](https://www.instagram.com/caminhonordico)



ESPAÇO KASHA

Arte, cultura e diversidade

Danças Indianas

Odissi e Kathak

Oficinas e
Aulas Regulares





2026



Aula de Yoga

Terça e Quinta

18h30 às 19h30 • Prof. Carla Rubio

Local: Instituto Long Fei
R. Giacinto Tognato, 405 - Sobreloja - Baeta Neves - SBC

Venha fazer uma **aula experimental!**

Se você busca:

- Equilíbrio emocional
- Maior flexibilidade
- Melhorar a postura e mobilidade

Então o Yoga é para você! Venha fazer uma aula experimental!

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos. Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Roteirista de Histórias em Quadrinhos e Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos", "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica", "O Guardião da Pedra da Memória" e "Deusas da Terra" e das Histórias em Quadrinhos "Deusas da Terra" e "Xamãs: Guerreiros da Terra", e do Oráculo "Xamãs", além de já ter participado de outras publicações de mitologia e também de HQs.



SITES: www.larissadiaspsi.com.br / www.amarath.com.br

E-MAIL: larissa@larissadiaspsi.com.br

INSTAGRAM: [@larissadias.mitologia](https://www.instagram.com/larissadias.mitologia)

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO

Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; Foi professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos. Atuou como conteudista e trabalha para editoras educacionais, desenvolvendo apostilas de ensino da língua portuguesa.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

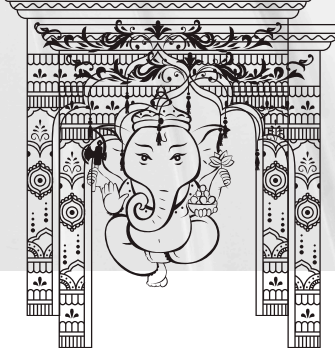
INSTAGRAM: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-MAIL: facaroli@yahoo.com.br

LINKEDIN: <https://www.linkedin.com/in/f%C3%A1bia-carolina-lucas-3183011a2>



PANTEÃO DE COLABORADORES



HENRIQUE PEDRO
COLABORADOR ARTÍSTICO

Henrique Pedro é estudante de design, ilustrador e quadrinista. Autor da publicação “A Última Caçada” uma HQ que explora elementos da mitologia brasileira, com elementos de suspense, ação e terror e de “O Segredo na Garrafa”, uma publicação de HQ realizada por meio do edital da Lei Aldir Blanc, no ano de 2025. Apaixonado pela arte, desenho e por contar de histórias, Henrique explora com seus traços únicos e cores intensas as nuances da mitologia nacional em sua arte original e envolvente.

INSTAGRAM: [@HENRIQUELOPESPEDRO](#)
EMAIL: HP.PEDRO75@GMAIL.COM
TEL: (11) 98711-5244



JULIANA SIMÕES
COLABORADORA DE ARTIGOS

Juliana Simões é Bruxa e Suma-Sacerdotisa da Tradição Antiga Magia, além de fundadora da Na Casa da Bruxa, em Porto Ferreira (SP). Praticante da magia desde a infância, desenvolveu uma profunda conexão com a natureza, os cristais e as tradições ancestrais brasileiras. Atua com leituras de oráculos, Bruxaterapia, cursos e vivências voltados ao autoconhecimento e ao desenvolvimento espiritual. Seu trabalho busca desmistificar a bruxaria, promovendo conhecimento, liberdade e reconexão com os ciclos naturais. Recebe alunos e consulentes em atendimentos presenciais e on-line, conduzidos em um espaço temático dedicado à prática da Antiga Magia.

INSTAGRAM: [@ANTIGAMAGIA_BRUXARIA_BRASIL](#)

PANTEÃO DE COLABORADORES



ILSON WILMAR RODRIGUES FILHO

COLABORADOR DE ARTIGOS



Possui graduação em Engenharia Civil (1978), mestrado em Engenharia de Produção (1990) e doutorado em Engenharia de Produção (2000), todos pela UFSC. Atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Catarina de Lógica e Recuperação de Informação. É pesquisador de Processamento de Linguagem Natural, Cultura Popular e Mitologia. É autor dos livros: Dicionário de Regionalismo da Ilha de Santa Catarina (e arredores) e Dicionário Folclórico da Ilha de Santa Catarina (e arredores).

E- MAIL: ILSON.WILMAR@UFSC.BR

ALEXANDRE PASTRO ALVES

COLABORADOR LITERÁRIO



Alexandre Pastro Alves é mestre em Kung Fu estilo Fei Hok Phai (Garça Voadora) e criador do Instituto Long Fei de Artes Marciais, localizado em São Bernardo do Campo – SP, está inserido na filosofia marcial desde 1984, tendo a honra de ser discípulo direto do saudoso grão-mestre Chiu Ping Lok (mestre Lope), pioneiro no ensino de Kung Fu, Tai Chi Chuan e da cultura tradicional chinesa no Brasil.

SITE: <https://institutolongfei.com.br/>

ANDRÉIA CAPRARO

COLABORADORA DE ARTIGOS



Terapeuta e Psicanalista Clínica, atua com Astrologia Psicológica, além de ser Escritora.

Autora dos livros "O Curso de Tarô: a Jornada do Louco"; "Aos Mestres das Runas"; "O Tarot e a Cabala" e o romance "A Maldição da Deusa".

SITE: <https://www.astrosepsique.com.br/>

INSTAGRAM: https://www.instagram.com/andreia_capraro

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUCAS VITORIANO LOPES CERQUEIRA
COLABORADOR LITERÁRIO

Lucas Vitoriano nasceu em 1989, em Fortaleza-CE. Amante de mitologia, livros e jogos, escreve principalmente romances de fantasia e contos de terror, mas sua paixão é a fantasia, em especial fantasia medieval. Após escrever contos que foram publicados em antologias realizadas por diversas editoras, decidiu focar-se em romances. Sua principal obra é Floresta das fadas. Também já trabalhou em parceria com outros projetos nacionais como o jogo, atualmente em desenvolvimento, "Grimal Arena"; o universo compartilhado de super-heróis nacionais BRS (ao qual contribuiu com o livro "Ártemis - a caçadora da lua" e também publicou resenhas para a revista digital "Mitologia Aberta").

IIINSTAGRAM @l.vitoriano



LUCIANA MANDU DE LIMA
COLABORADORA CINEMATOGRAFICA

Nascida em Guarulhos, criada na Zona Leste de São Paulo. Filha de mãe caipira e pai nordestino. Teve sua infância repleta de Folclore, contos e lendas urbanas. Nascida na década de 80. Apesar de muitas dificuldades, os anos 80 e 90 foram fantásticos.

Formada em Matemática pela Unicastelo, Artes Visuais e Sociologia pela Unimes. Especialista em Educação Matemática pela Uninove. Tecnóloga Logística pela Fatec ZL. Especialista em Logística Supply Chain pela Uninter. Leciona na Rede Estadual e Municipal de Ensino.

Contato: e-mail: mandulogistica@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



EBERTON FERREIRA COLABORADOR ARTÍSTICO



Designer gráfico, editor e quadrinista independente, nascido na cidade de São Gonçalo - RJ. Desde criança já criava suas próprias histórias, mas foi em 2015 que lançou no mercado a primeira revista impressa através de um selo próprio, e de lá para cá, não parou mais de produzir. Diversificando gêneros desde o infantil, super-heróis, aventura, suspense e terror, o artista se especializou em contos sobre o folclore brasileiro e lendas urbanas e em 2017 foi premiado pela ABRAHQ (Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos) como melhor roteirista pela série Causos. O Estúdio Ton, bem como o coletivo QG, surgiram por iniciativa do autor papa goiaba, respectivamente, para representar os seus quadrinhos e para fomentar as HQ's produzidas por artistas da sua cidade natal, mesmo local onde nasceu, cresceu e ainda reside.

INSTAGRAM: [@eberton_ton](https://www.instagram.com/eberton_ton)

SITE: <https://www.estudioton.com.br/>

EDIÇÕES AMARATH

EDITORA RESPONSÁVEL PELA REVISTA MITOLOGIA ABERTA



Amarath é a editora criada por Larissa Dias, com a missão de levar o conhecimento antigo através de autores cujas publicações atinjam um público interessado nos mistérios da mitologia, da magia, da simbologia, da fantasia e do folclore, de modo a transmitir esse conhecimento para o maior número de pessoas possível, visando a evolução da humanidade.

Seu lema é: Mitologia, Magia e Simbologia não são fantasias, pois acreditar faz parte do caminho de evolução de qualquer ser humano.

Site: www.amarath.com.br

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR

COLABORADOR LITERÁRIO E ESCRITOR DE ARTIGOS



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: [@hellyeahmusiccompany](https://www.instagram.com/hellyeahmusiccompany)

// LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

PANTEÃO DE COLABORADORES



JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS

Sócia da Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento, acredita que todo projeto pode (e deve!) ser aprimorado — por isso, tem como lema a melhoria contínua, aliando criatividade, inovação e propósito em tudo o que faz. Paulista, é formada em Biologia e Gestão Ambiental, com ênfase em Licenciamento Ambiental e Sensoriamento Remoto, além de ser licenciada em Biologia e possuir pós-graduação em Segurança da Informação — porque entender o mundo natural e o digital faz parte do seu DNA multidisciplinar. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Cristais, Artes e Música, também coloca um toque artístico em cada detalhe, contribuindo com a edição e criação de artes para mídias sociais da empresa.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>



ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE

Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Querido Leitor Mitológico,

Chegamos ao fim da 29ª edição da nossa Mitologia Aberta, e mais uma vez fomos agraciados com novos colaboradores e também com os antigos e fiéis, o que só mostra como a mitologia é capaz de criar uma corrente do bem, que já se estende por 29 edições!

Nesta edição, gostaria de agradecer ao artista de capa, Henrique, que aceitou criar uma arte para a nossa revista, mesmo tendo sido convidado em cima da hora! E qual não foi a nossa surpresa quando ele decidiu trazer um personagem do Brasil, que tanto nos faz falta: Matinta-Pereira!

Gostaria de agradecer à querida Juliana, que nos trouxe seu amor e seu conhecimento sobre os Encantados, em especial, a Matinta-Pereira. Agradeço ao Ilson por procurar a revista para tratar do tema dos antigos astronautas e a mitologia. Agradeço ao mestre Alexandre por ter me recebido tão bem em seu instituto e ter escrito para a Mitologia Aberta sobre o simbolismo do dragão e do leão chinês. Agradeço à Andréia por dividir suas descobertas míticas conosco há tanto tempo e, principalmente, por trazer duas deusas tão especiais!

Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela maravilhosa parceria de sempre e por escrever tão bem para as páginas da nossa revista! Agradeço à querida Luciana, que sempre nos presenteia com suas resenhas únicas e apreciativas! Gratidão sempre! Agradeço ao querido Luís Júnior pelas histórias mágicas que veicula em cada edição! Também agradeço ao querido Lucas, que nos encantou com sua resenha de estreia de mitologia coreana para a Biblioteca de Thoth!

Agradeço ao querido quadrinista Eberton, que depois de encontrar a editora Larissa Dias na Flipoços aceitou de imediato participar da nossa revista com suas HQs “Xamã”! Muito obrigada pelo espírito de colaboração e união que mantém todos os galhos desta Nona Árvore (Arte) de pé!

AGRADECIMENTOS

Agradeço também ao grupo de estudos de mitologia “Reino Mítico”, cujos estudos farão parte dos artigos nas edições da Mitologia Aberta, começando nesta edição!

E claro, agradeço sempre à querida Fábiana Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, que cuida para que todos os textos da revista tenham o melhor entendimento possível! Agradeço também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram. Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada! Agradeço à Alpha Centauri por cuidar do nosso site e por permitir que a Mitologia Aberta possa funcionar!

Agradeço de coração a você, caríssimo leitor, porque é por sua causa que a revista existe e é por sua causa que ela está na 29ª edição. Sem olhos famintos pelos mitos, nenhum de nós teria o estímulo necessário para continuar a escrever mais e mais. Claro que com a ajudinha dos deuses sempre encontraremos leitores e colaboradores, mas é preciso dedicar o devido respeito e gratidão a cada um de vocês!

Com as nossas mais sinceras considerações,

Até a próxima, pessoal!

Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábiana Lucas

Projeto Gráfico Original: Karem Dias e Larissa Dias

Atualizações do Projeto Gráfico: Jéssica Dias e Larissa Dias

Ilustração da Capa: "Matinta-Pereira", Henrique Pedro

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2026, Agosto, World Wild Web

Periodicidade: Trimestral

Colaboram Nesta Edição:

Juliana Simões, Ilson Filho, Alexandre Pastro, Andréia Capraro, Lucas Vitoriano, Henrique Pedro, Eberton Ferreira, Luciana Mandu, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias.

Editora: Edições Amarath

Endereço: Rua Henrique Dias, 56 - Jardim Aclimação - Santo André - SP - CEP: 09171-580

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Administração do Site: Apha Centauri